

REVISTA

EDIÇÃO Nº 122 | AGOSTO DE 2025

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

ESPECIAL

FRANKENSTEIN

A CRIATURA DE MARY SHELLEY

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Frankenstein - Ilustração



6

FRANKENSTEIN

Poderemos comparar o Dr. Victor Frankenstein ao titã grego Prometeu, que apoderou-se do fogo divino de Zeus, outorgando aos homens comuns a evolução perante [...]

Confira + na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX PE DI EN TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: [@conexaoliteratura](#)
Facebook 2: [@conexaogramatica](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



Índice

Expediente,	pág. 02
Editorial,	pág. 04
Patrocinadores da Revista Conexão Literatura,	pág. 05
Especial: Frankenstein, por Ademir Pascale,	pág. 06
Melville e a maldição da baleia assassina, por Gilmar Duarte Rocha,	pág. 09
Poema: Inesquecível Agosto, por Sellma Luanny,	pág. 14
Poema: Meu eu, por Marilu F Queiroz,	pág. 15
FrankenHEARTstein, por Clarissa Xavier Machado,	pág. 16
Poema Gótico, por Mirian Menezes de Oliveira,	pág. 23
O sucesso de Um Resgate de Outro Mundo, da autora Simone L. Genari,	pág. 25
O Espiral, por Fauno Mendonça,	pág. 28
Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny,	pág. 29
Dicas para leitura,	pág. 33
Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa,	pág. 35
Poema: Café da Manhã, por Jaff Silva,	pág. 41
Poemas de Carlos Hagabê Godoy,	pág. 43
Poema: O refúgio de mim, por Sandra de Castro Profeta,	pág. 47
Análise Sigilográfica das Principais Escolas de Samba do Rio de Janeiro – CARNAVAL 2025, por Flavio Joppert,	pág. 51
Leitor redimido, por Mônica Palacios,	pág. 56
Eduardo Amaro, autor luso-brasileiro, amplia universo fantástico com novo livro "O Diário de Solomon Don Duncie",	pág. 58
Afeto e Ação: Um Diálogo entre Henri Wallon e Baruch de Spinoza na Educação Infantil, por Lucilie Juracy dos Santos,	pág. 62
Entrevista com A. R. Santos,	pág. 67
Entrevista com Bárbara Zampol,	pág. 71
Entrevista com Cristina Aldenora,	pág. 76
Entrevista com Fénelon Tartari,	pág. 83
Entrevista com Manoel Amador,	pág. 86
Entrevista com Urbano Sertão,	pág. 90
Citações de grandes autores,	pág. 93
Sob as Cinzas do Infinito - Um conto histórico-filosófico sobre Giordano Bruno, por Clayton Alexandre Zocarato,	pág. 97
Conto: O artista, por Luciana Simon de Paula Leite,	pág. 103
Conto: Holzpuppe, por Valéria Guerra,	pág. 107
Conto: Desconstruindo para construir, por Idicampos,	pág. 116
Conto: Sintoma, por Iraci J. Marin,	pág. 121
Conto: O Pássaro de Três Asas e o Pé-de-Meia-Noite, por Ney Alencar,	pág. 125
Conto: Eastwood e Cleef, por Roberto Schima,	pág. 130
Passatempo: Ajude Frankenstein a chegar ao castelo,	pág. 142
Mídia Kit,	pág. 144
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura,	pág. 145

EDITORIAL

Caros leitores,

É com prazer que apresento a edição de agosto da Revista Conexão Literatura, uma edição especial dedicada à obra Frankenstein, de Mary Shelley — um clássico atemporal que atravessa séculos inspirando gerações. Também reunimos crônicas, contos inéditos, poemas, entrevistas e, claro, nossas tradicionais dicas literárias para enriquecer ainda mais sua leitura.

Para saber como participar da nossa edição de setembro/2025, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.

Desejo uma excelente leitura!



Ademir Pascale
ESCRITOR E EDITOR

E-mail: ademirpascale@gmail.com

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Joaquim Cândido de Gouvêa

Instagram: @joaquimgouvea_



Casa Brasileira de Livros

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da
Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



Luciana Simon de Paula Leite

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser
adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpn



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterochoa.com.br
Instagram: @gilmarduarterochoa



Clarissa Xavier Machado

Instagram: @clarissaxmachado

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.
SAIBA COMO:

clique aqui



FRANKENSTEIN

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - AGOSTO/2025

POR ADEMIR PASCALE

"Mary Shelley, autora da obra Frankenstein, inspirou-se na lenda de Prometeu. O título da obra era "Frankenstein" ou "O Moderno Prometeu [...]"

Frankenstein está entre as primeiras obras góticas da história

NO INÍCIO ERA PROMETEU

Poderemos comparar o Dr. Victor Frankenstein ao titã grego Prometeu, que apoderou-se do fogo divino de Zeus, outorgando aos homens comuns a evolução perante aos outros animais e assim como o ser supremo, também gozava da criação humana. Furioso, devido ao roubo do fogo divino, Zeus castigou Prometeu e o acorrentou ao cume do monte Cáucaso, dando livre arbítrio para um terrível abutre dilacerar o seu fígado que sempre se regenerava, devido a sua imortalidade. Zeus pronunciou o castigo a Prometeu por 30.000 anos, mas, o condenado foi libertado por Hércules que deixou em seu lugar o deus da medicina, o centauro Quíron, pois este já estava condenado devido a uma ferida eterna causada por uma flecha terrivelmente envenenada.

Em uma atitude nobre, Quíron transfere sua imortalidade pela libertação de Prometeu, com a intenção de acabar com o seu sofrimento devido a dor da ferida eterna que possuía.

Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851) a autora da obra "Frankenstein", inspirou-se na lenda de Prometeu. O título da obra era "Frankenstein" ou "O Moderno Prometeu". FRANKENSTEIN OU APENAS "CRIATURA"?

Sim, apenas criatura. Este era um dos nomes do monstro, ou se preferir "demônio", "ser infernal" ou simplesmente "desgraçado". Frankenstein era o sobrenome de seu criador, Victor Frankenstein. O autor da obra não deu nome ao monstro. Talvez o fato de soar estranhamente o nome "criatura", deu-se o sobrenome do criador e nada mais justo dar o sobrenome do pai ao filho.

O nome Frankenstein, originou-se de uma importante família da Silésia. Importante porque se deu o nome "Frankenstein" a uma antiga cidade hoje chamada de Zabkowice Slaskie (a Silésia é uma região histórica dividida entre a Polônia, República Checa e Alemanha). Dizem que Mary Shelley conheceu a família "Frankenstein" em uma de suas viagens, mas provavelmente Percy B. Shelley a acompanhava.



FRANKENSTEIN

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



AS ADAPTAÇÕES DA OBRA FRANKENSTEIN

Frankenstein está entre as primeiras obras góticas da história. A primeira foi publicada em 1764, intitulada "O Castelo de Otranto", de Horace Walpole (1717-1797). A obra "Frankenstein" é estruturada em romance epistolar, o realismo da história é indescritível e deveras emocionante. Além da inspiração da lenda de Prometeu, a autora da obra "Frankenstein", também foi inspirada pela obra do autor e representante do classicismo inglês, John Milton (1608-1674). A obra é intitulada "Paradise Lost". A segunda obra de Milton foi intitulada de "Paraíso Reconquistado", dando sequência ao primeiro livro.

A obra "Frankenstein" é deveras trabalhada e inspiradora, mas, para alguns, com falhas: Victor Frankenstein junta pedaços humanos e os molda, tentando reconstituir a sua maneira a figura de um ser humano, mas, ao final do processo, após tortuosos estudos, noites em claro e alterações em sua saúde – decorrentes do excesso de trabalho –, o ser inanimado torna-se animado, mas Victor abandona sua obra, ou se preferir, criatura.

Frankenstein foi inicialmente alterado nas telas do cinema como um ser não tão "pensante", ao contrário da filosófica criatura da obra de Mary Shelley, que é culto e rápido como o relâmpago, "bem" diferente do conhecido Frankenstein do mundo da sétima arte, se bem que alguns diretores tentaram posteriormente modificá-lo, e hoje poderemos notar várias adaptações dele, algumas até cômicas, como no longa-metragem de 1974 "O Jovem Frankenstein" (Young Frankenstein/104 min/ 20th Century Fox Film Corporation).

Os leitores também se deleitavam com as adaptações de Frankenstein em quadrinhos, muitas das vezes herói, outras vilão.

O teatro também adaptou a obra e foi o primeiro a gozar de tal feito. Por fim, notamos adaptações de Frankenstein até em jogos futuristas para modernas plataformas de videogames.

Frankenstein jamais morrerá, assim como os imortais deuses da mitologia, infelizmente, para desespero de Victor Frankenstein, que perdeu a vida tentando destruir o monstro.

Nota: devemos temer o anormal e o estranho? Afinal, o que é ser normal? É seguir um padrão? Será que nos importamos mais com o visual do que com o conteúdo? Se Frankenstein fosse compreendido pelos humanos, a obra teria um trágico final? Se na vida real compreendermos o que está fora dos nossos padrões visuais, a vida humana não será mais harmoniosa?

SOBRE ADEMIR PASCALE

Paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetautoestima.com.br>). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Contato: ademirpascale@gmail.com



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



6º Prémio Internacional

PENA DE OURO

CONTO • POEMA • CRÔNICA

R\$ 108.000,00

EM PRÊMIOS!



PENA DE OURO

6ª edição (2025)

Inscrições abertas!

Saiba mais em:

www.casabrasileiradelivros.com/pena-de-ouro-6



Melville e a maldição da baleia assassina



POR GILMAR DUARTE ROCHA

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Menino ainda, lá pela década de 1970, quando cursava o ginásio público do interior do estado da Bahia, de boa qualidade, integralmente gratuito, com direito a curso de língua inglesa e francesa, eu sempre reservava meia hora por dia para desfrutar da leitura dos livros recém-chegados à maravilhosa biblioteca daquele estabelecimento de ensino, onde se destacava a coleção Vaga-Lume, da editora Ática, e outro lote de outra editora — cujo nome não me lembro — de renomados romances estrangeiros, maravilhosamente traduzidos e adaptados para o formato infanto-juvenil. Lembro-me de ter devorado, em questão de dias, clássicos da estirpe de “Ivanhoé”, de Sir Walter Scott; “Gulliver”, de Jonathan Swift; “Robinson Crusóé”, de Daniel Defoe; “Os três mosqueteiros”, de Alexandre Dumas, dentre outros livros memoráveis, imortais e inesquecíveis. Um deles, em especial, acho que fez parte da coleção por engano do editor ou por algum tradutor fanático por obras de aventuras marítimas.

O livro em questão era *Moby Dick*, de autoria do escritor americano Herman Melville (1819-1891), uma produção do período romântico, mas que carregava nas suas entrelinhas o ranço precoce do realismo. Era um livro de fato diferente, tanto que eu tentei ler na época a tal versão condensada e não entendia muito aquela caçada insana do capitão Ahab — comandante do navio baleeiro Pequod — atrás de uma baleia branca que lhe decepara uma perna numa tentativa anterior frustrada de pegá-la numa operação de caça.

O livro é forte e poderoso e o seu insucesso no lançamento (1851), deve-se, na minha ótica, à expectativa dos leitores cativos do já famoso e jovem escritor Melville, que fez sucesso e vendeu relativamente bem para a sua época todos os seus livros lançados anteriormente, que tinham, via de regra, a mesma temática, mar e marinhagem, só que engendrada de forma juvenil e aventureira, destacando-se *Tai Pi* (1846), o livro de estreia; *Omoo* (1847), uma narrativa de aventuras nos mares do Sul; *Mardi* (1849), outro relato de viagem oceânica; assim como *Redburn* (1849) e *Jaqueta Branca* (1850).

Moby Dick — de longe, o melhor e o mais completo livro de Melville — foi escrito numa fazenda no interior do estado de Massachussets e lançado com pompa pela editora nova-iorquina Harper & Bros, mas (como aqui já foi dito) obteve fracasso retumbante, meio que nocauteando o talentoso escritor, que ainda teve fôlego para lançar mais quatro romances na sequência: *Pierre*; *Ilha da Cruz* (recusado pela editora e perdido os originais); *Israel Potter* e *O homem de confiança*, este último lançado em 1857 e consagrado como o último romance de um escriba que ainda estava em seu pleno vigor produtivo (ainda não tinha completado quarenta anos).

Herman Melville passou o resto de sua vida vivendo de dividendos das vendas de seus primeiros livros marítimos e prestando serviços cartorários nas redondezas da Nova Inglaterra, o que lhe permitiu sustentar a sua família, a mulher Elizabeth Shaw e mais quatro filhos. De vez em quando arriscava produzir um conto ou outro; às vezes uma novela com mote urbano e burocrático, destacando-se a excelente *Bartleby, o escrivão*, que faz muito sucesso ainda nos dias atuais.

Agora: voltando ao caso da famosa baleia branca assassina, a obsessão do personagem Ahab, talvez a culpa do fracasso de repercussão e venda na época do lançamento tenha advindo da mente criativa de Ismael, o alter ego de Melville e narrador da história, que, como escritor de talento e obstinado por trilhar novos caminhos literários, inovou ao criar uma história que beira o absurdo e que insulta a mente do leitor limitado a livro de aventuras, de faroeste, de cavalaria, de guerra, ou coisa que o valha, que tem sempre o começo, o meio e o fim esquadrihado numa planilha que cuida do limite entre o bem e o mal ou certo e o errado. O autor estadunidense foi longe quando avançou o sinal e nos trouxe uma epopeia talvez inspirada em Homero e colocou na berlinda alguns valores como a ganância desenfreada; a obsessão absurda e sem consequência e, principalmente, mostrando ao ser humano que o mar é o limite e não o céu infinito. *Moby Dick*, o monstro de Atlantis, talvez do Indico, ou quem sabe do Pacífico, infernizou a vida de Ahab e, por tabela, amaldiçoou a carreira do seu criador durante os seus dias de vivente do planeta Terra.



Contudo, como nem tudo que é bom dura pouco, o tempo tratou de resgatar a grandiosidade da obra, através de republicações em série ao longo das décadas, principalmente durante a fase realista e naturalista que atinge o seu auge no início do Século XX.

Hoje, esta obra ainda é um mistério e é dissecada e esquadrihada por estudantes e literatos do mundo todo, até diríamos que se tornou um eterno best-seller.

Para que desejar conhecer com mais profundidade a obra de Herman Melville, que faleceu em Nova York em 28 de setembro de 1891, tendo o obituário publicado no New York Times como “autor de livros marítimos, entre eles um tal de *Mobie* (sic) *Dick*”, pode consultar a excelente biografia produzida por Andrew Delbanco, de nome “Melville” ou “Herman Melville: a biografia”, de Hershel Parker, um calhamaço de mais de 1.400 páginas, editada pela John Hopkins University.

Ah! A título de curiosidade: o escritor julgava o livro *Moby Dick* tão bom, que não pestanejou em dedicá-lo a seu amigo e contemporâneo Nathaniel Hawthorne, autor de *A letra escarlate*.

Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



Correspondências do fim do mundo

Do Autor Gilmar Duarte Rocha

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminosa da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

<https://encurtador.com.br/DSRSw>



**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*



Inesquecível agosto

Por Sellma Luanny

Tempo de ventanias...
a fustigar o meu rosto.
Colorindo os céus,
belas e desafiadoras arraias...
Na cultura popular, mês até
"do cachorro louco"!

Mas Agosto - não sei se
para você(?) -, para mim,
quanta reverberação!
Mesmo antes de chegar,
ternamente esperado.
Ponto consagrado!

Nesta página do calendário,
de metade da família
- primária... secundária -
e amigos... sempre lembrados
aniversários... e velinhas
em bolos confeitados.

Dos muitos que já se foram...
e não mais estão, datas
estimadas... intimamente
celebradas. Mesmo se
doridas, nunca apagadas.

Na mente, no coração
e na pena, o reviver
de festivas lembranças...
em Agosto solidificadas...
graciosamente... sempre!

SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Meu eu

Por Marilu F Queiroz

No silêncio da noite, busco o meu ser...
Em sombras antigas, meu eu, só cresce,
ecoam lembranças de tempos passados,
sonhos perdidos e muitos desejos alados.

No reflexo do espelho, enigma profundo...
Nos olhos que fitam, um mar quase infinito.
Percorro caminhos e minha alma aquieta,
sinto vida pulsante, que em mim se projeta.

Nas batidas do coração, o ritmo constante...
A melodia da vida, sempre muito pulsante.
Ah o vento... ele sussurra segredos eternos,
e no meu âmago, encontro os meus infernos.

Mas ao longe vejo na luz, num brilho sutil...
Toda a esperança renasce, em doce alegria.
Sou eu! Mais forte, um ser total e singular!
Neste poema, meu eu tão íntimo a se revelar.



Marilu F Queiroz: Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP. Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



FrankenHEARTstein

POR CLARISSA XAVIER MACHADO

MINIBIOGRAFIA DA AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Pós-graduanda em Neurociências. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da AFESMIL.

*Para analisar os acontecimentos da vida,
é preciso primeiro recorrer à morte.*

Existe uma dor que aperta até o menor dos corações. A dor dilacerante que nos faz perder o ar e cair ao chão. Até o maior dos corações poderia sair pela boca. Uma dor que é como um soco no estômago, agravada pela sensação angustiante de não saber o que aconteceu, e pior, de não saber de onde veio, ou ainda pior: de não esperar que tenha vindo de onde veio; isto, sem dúvida, um terror gótico de péssimo gosto.

Uma dor daquelas que nem mesmo os gritos das *mammas* italianas e das *imas* judias seriam suficientes para extravasar. Luto é luta, é o momento em que recordamos que a morte é a única certeza e que se morre todos os dias de tudo e de nada. Todavia -

Milhares de anos antes de Cristo

Egito Antigo, nos primórdios

A dor é um tipo de fogo, e estar em chamas é mais frequente do que se imagina. O fogo consome tudo. E, ao fim e ao cabo, curiosamente, faz renascer. Ter a alma queimada viva purifica, transforma e renova. Se o espírito for forte, somos como a fênix. Então -

Séculos depois

Japão, século XV

Depois, nos tornamos uma espécie de *Kintsugi*, carcaças emendadas com pó de ouro, prata e platina - Pai, Filho e Espírito Santo. Como é bom ter nossas partes de volta ainda que, de início, seja estranho andar por aí todo remendado, com cicatrizes expostas. Mas assim prosseguimos, serelepes vasos de porcelana que então, modestamente, exibem as rachaduras. Hora dessas, ops...Engolimos a seco. O estômago embrulha-se. A respiração acelera. Será que alguém notou que, de repente, um fragmento se soltou? É que às vezes solta. Aliás, às vezes caímos de cara no chão, despedaçados, e aí o garimpo recomeça. Tantos caquinhos de nós aqui e ali, e por tantas partes que logo lembramos que -

Século XVI

Inglaterra, 1818

Um dia, Mary Shelley revelou que um homem foi capaz de recriar o ser humano. Entretanto, por melhores que fossem suas intenções (e o inferno de boas intenções está cheio), acabou por criar um monstro.

Seria, de fato, o homem, ao mesmo tempo, tão poderoso, tão virtuoso e magnífico, e ainda tão cruel e baixo?

Bom, talvez a verdade seja que todo ser humano pode ser um monstrengo em potencial. Isto é, quiçá, toda criatura seja, sob algum prisma, uma besta incapaz de -

Ainda...

Polônia, 1948

Proferir as palavras certas, com o coração sentindo profundamente cada desenho melódico e cada prosódia, com cada letra sendo entoada no ritmo das batidas do coração como se cada vocábulo fosse por si só um canto profético e poderoso.

Pois, nada contribui tanto para tranquilizar a mente quanto um propósito firme.

O cérebro, que é bem burrinho, só compreende por encanto, uma questão muito simples de neuroplasticidade neuronal, o que significa dizer que se mudarmos as palavras que pronunciamos, nossa mente se modifica completamente. E, quando menos se espera - voilà! Contudo -

Século XX

Japão, 1990

Ter o coração estraçalhado inúmeras vezes... Ora, não há *kintsugi* capaz de colar. “Morreu de desgosto”, “morreu de amor”, morreu de cardiomiopatia de Takotsubo. Quanta comoção. Uma fantasia gótica ou violenta emoção... um dia, agravante; noutro, atenuante, mas sempre uma pena máxima privativa de liberdade. Por quanto tempo? Impossível de supor se estivermos trancados, emburrados e isolados numa Alcatraz particular.

Coração partido, a síndrome de quem tem, claro, um coração; afinal, se o coração foi partido, é porque existia coração - *¿y quién va a curar el corazón partido, don Alejandro?* - Está partido, mas, ainda é um coração e se sofreu ataques em diferentes ocasiões e continua funcionando, é porque é mais forte do que se poderia imaginar. De onde se conclui que é possível viver apesar das sequelas. Com o tempo, a vida segue seu fluxo e o coração volta a bater, não como antes, porém com o *know-how* de reconhecer que, no final das contas, na vida há mais morte do que vida.

Descansamos; um sonho tem o poder de envenenar o sono.

Acordamos; um pensamento errante polui o dia.

Sentimos, concebemos ou raciocinamos; rimos ou choramos.

Abraçamos a tristeza terna ou deixamos de lado nossas preocupações;

É a mesma coisa: pois, seja alegria ou tristeza,

O caminho de sua partida ainda é livre.

O ontem do homem pode nunca ser como o seu amanhã;

Nada pode perdurar, exceto a mutabilidade!

A propósito, há sim um *kintsugi* que funciona muito bem. Alguns preferem chamar de mágica ou feitiço, outros simplesmente de palavras. O fato é que, como dito, se a palavra for pronunciada da maneira correta e com a intenção certa, o resultado será favorável.

A O M R

Que pena, o engano e -

Século XXI 2025

Há certos leões escondidos atrás das paredes de um quarto ou das telas de um computador para melhor triturar corações com técnicas avançadas de *ghosting*, *orbiting*, *benching*, *cushioning*, *zombieing* e *breadcrumbing*, sem jamais mostrar o rosto, se é que há um rosto... Idade das Trevas².

O excesso de tristeza impede o desenvolvimento, a alegria e, inclusive, o cumprimento de tarefas úteis e cotidianas, sem as quais nenhum homem está apto para a vida em sociedade.

Esses leões não têm coragem nem em Oz nem aqui. São criaturas tão frustradas e carentes que sentem uma satisfação mórbida ao exterminar todas as formas de amor. A lógica é simples: ninguém morre de amor se não houver amor algum. Quem diria, Mrs. Lennox, que o seu *no more I love you 's* seria o mote do ano.

Isso seria uma gentileza cruel, e eu não ousa fazê-lo.

É de domínio público que o amor não correspondido dói. A rejeição dói. O “não” dói. A separação dói. Buda dizia que a dor é parte inevitável da vida, mas que o sofrimento é opcional. É que tudo na vida, uma hora dói por um motivo ou outro, e todos nós carregamos nossas dores, nem maiores nem menores que as dos outros, apenas diferentes. A chave está em administrar a dor e as emoções que as engendram. E o segredo está em construir pontes e não erguer muros, não é mesmo, *Pequeno Príncipe*?

Que tempos são esses em que se cria *Frankenstein New Generation*, um exército de homens de lata e espantalhos *reborn* - todos líquidos, vazios, entediados e ávidos por integrar o famoso “clube dos mentirosos em relacionamentos amorosos” para impunemente executar Justines e estrangular Elizabeths. Sem mais, e sem *mea culpa*, isso é tudo. Não são culpados. Não fizeram nada!! A roda das desculpas do *Spider-Man* nunca foi tão requisitada.

(Adolescence interminável que repete: ¡no puedo vivir sin ti!)

A premissa: ninguém há de morrer de amor se ninguém verdadeiramente amar. Pois, amar: ***nunca mais***, como repetia o corvo de Poe. É, amor está realmente...

Morto!

O amor genuíno já não existe mais,
É um mito destruído pela falta de fé
Que se dedica a ele.

O amor não nasce,
Molda-se com verdades
Com corações limpos
E consciências tranquilas.

Agora? Melhor é
Fechar as cortinas
E aguardar no camarim
Para chorar no ato final.

O amor está morto, Nietzsche,
E é ele, o próprio amor,
Que não acredita mais em nós.

E se o amor está morto, Deus também está - Deus é ou não é amor? Oh, *Brain Rot Times*, Nietzsche, afinal, parece não estar muito longe da verdade. No entanto, -

Anos antes...

1937, Álvaro de Campos,
criado por Fernando Pessoa

É preferível ser como uma daquelas cartas de amor: ridícula! Absurdamente ridícula. Intensamente ridícula. O exagero ridículo de amar demais, sem mistérios ou vergonha de ser encantado; enfim, o arquétipo da poesia apaixonada em Dó maior.

A usar a linguagem do meu coração, a dar voz ao entusiasmo ardente da minha alma...

a estranha
metamorfose que produz
ocitocina e
revoluciona.

Basta isto: uma po(r)ção do amor. *Amortentia* ou equivalente. Por pura sorte -

Hoje...

Tem um ás na manga,

a Dama de Copas:

ABRACADABRA
ABRACADABR
ABRACADAB
ABRACADA
ABRACAD
ABRACA
ABRAC
ABRA
ABR
AB
A

FrankenHEARTstein!

*Menção às produções *Adolescence* (Adolescência, 2025) e *No puedo vivir sin ti* (Não posso viver sem você, 2024). Citações: *Frankenstein, ou O Prometeu Moderno*. Mary Shelley, 1818. Tradução livre de: Clarissa Machado.

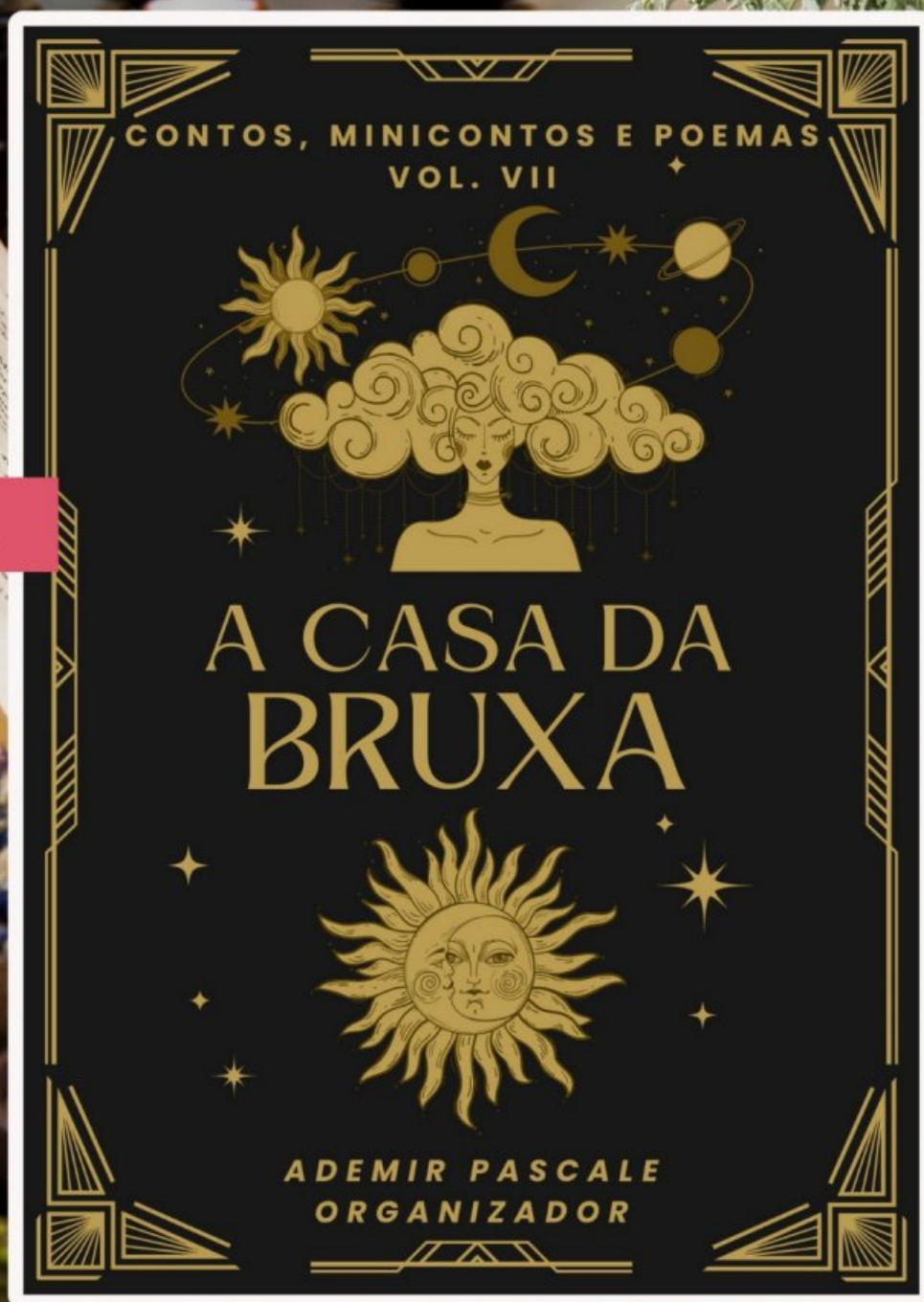


PARTICIPE DA ANTOLOGIA

A CASA DA BRUXA

VOL. VII

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

POEMA GÓTICO

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Em frangalhos, minh'alma dói e escapa em versos
Se o coração cansado suplica por morte,
há, nas entranhas, sentimentos controversos
que lutam por vida, com pulsos muito fortes.

No desespero, a alma é atropelada por versos:
românticos, góticos (Byron em recortes)
Ultrarromantismo nos escritos emersos.
Angústia e sofrimento nas letras consortes.

Ó poetas góticos de outras gerações
que cruzam suas melancolias com as minhas.
Há pontos em comum em nossos corações.

E suas estrofes são das minhas as madrinhas.
Nas linhas metrificadas com emoções,
há dores que esvoaçam com as andorinhas.

Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →

O SUCESSO DE UM RESGATE DE OUTRO MUNDO

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

UMA AVENTURA INTERGALÁCTICA PARA TODA A FAMÍLIA

As férias de Julho foram marcadas pelo lançamento da ficção científica infantojuvenil “Um Resgate de Outro Mundo”, Editora Viseu, livro de estreia da autora Simone L. Genari. Esta obra, que chegou ao TOP 40 livros infantojuvenis mais lidos da Amazon Brasil, transporta os leitores para uma aventura surpreendente, repleta de humor, emoção e descobertas intergalácticas, envolvendo desafios que ultrapassam as fronteiras do conhecido.

A tarde de lançamento foi um grande sucesso, contando com coquetel e brindes especiais para os participantes, tendo a Livraria Selecta no bairro da Mooca em São Paulo/SP tomada pelos amigos, familiares, colegas de trabalho da autora e um público infantojuvenil ansioso por conhecer as aventuras do trio de irmãos em sua jornada espacial.



— Simone L. Genari

“Este lançamento é uma celebração dos laços que nos unem e um convite para enfrentar o desconhecido com coragem e humor”, afirma Simone.



O SUCESSO DE UM RESGATE DO OUTRO MUNDO

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



Até onde você iria pela sua família? Esse é o grande desafio dos irmãos Tom, Léo e Ana, que se lançam em uma jornada extraordinária para resgatar seus pais adotivos, desaparecidos misteriosamente após uma viagem enigmática. Durante essa missão, entre as típicas discussões de irmãos adolescentes e momentos intensos de superação, eles recebem o apoio inusitado de um astronauta aposentado e de um ufólogo atrapalhado. Em um planeta distante, os irmãos não apenas descobrem um novo universo, mas também se deparam com os segredos que residem em si mesmos, enfrentando medos, revelando talentos e reafirmando o valor inestimável dos laços familiares.

Atenção: esse livro contém muita aventura, vários planos (mal) executados, um pouco de sarcasmo, uma “pitada” de romance e um final surpreendente. E, ao mesmo tempo, proporciona reflexões interessantes sobre o nosso próprio planeta.



FOTOS DO LANÇAMENTO

Agora é a sua vez de ler o livro e acompanhar o trio de irmãos em sua jornada!

Onde comprar:

Pelo site da Amazon em versão física e digital:

<https://www.amazon.com.br/Um-Resgate-outro-Mundo-Genari/dp/6528006083>

O SUCESSO DE UM RESGATE DO OUTRO MUNDO

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Sobre a Autora:

Ficção científica sempre foi um dos seus gêneros favoritos. Formada em Publicidade com pós em Marketing, Simone L. Genari também se aventurou na pilotagem de aviões durante a juventude, tendo realizado um curso de aviação e é uma dedicada Astrônoma Amadora. Essas experiências foram fundamentais para a criação do universo presente no seu primeiro livro: Um Resgate do Outro Mundo. Além disso, como mãe de um adolescente, ela se sente em casa ao imaginar as vivências típicas dessa fase, o que lhe permite criar histórias repletas de ação, aventura, ritmo e humor – ingredientes essenciais para cativar o público infantojuvenil.

SIGA A AUTORA NO INSTAGRAM:

<https://www.instagram.com/simonegenari>



O ESPIRAL

POR FAUNO MENDONÇA

Não se sabe exatamente onde está a realidade. Só existe a compreensão de que todos serão dragados por uma força além da consciência. Ninguém conhece sua face nem sua forma, mas sabem que se trata do inexorável e não há nada a fazer.

Por vezes, ao acordar, imagina-se que existe algum tipo de controle sobre a existência; ledor engano. Antes de uma folha dobrar ao vento, o espiral já age e conduz os passos da manhã, da tarde, e não há nada a fazer.

A noite cai com sua inerente mansidão e chama o sono profundo, mas a inércia dinâmica, quando assim deseja, paralisa os sonhos, os pesadelos, e não há nada a fazer.

Mas se não há nada a fazer, não existe motivo para lutar. Lutar contra o inquebrantável? Lutar uma luta inglória?

Realmente, não existem razões para lutar, apenas motivos para esquecer, apesar da plena consciência de sua existência e de parte de suas consequências imediatas. Aquilo que há em seus balés oblíquos jamais serão entendidos pela mente humana em sua condição ordinária. Então, melhor curvar-se para não ser devorado pela ansiedade, antes mesmo de ser integrado aos contorcionismos do espiral. Talvez, em sua matéria ou abstração, seus movimentos afunilados para o desconhecido não sejam infinitos como enxergam os olhos dos ignorantes, mas, sim, finitos no plano de uma concretude verdadeira e sem densidade.

Talvez, o tal espiral seja a única e pura realidade que nos cerca, e o resto pode ser apenas resquícios de simples quimeras esparramadas no universo. Assim, a humanidade segue sentindo a sua rudeza e nada pode fazer, somente aguardar o embarque para além do notório. Mas há um alento: talvez todos façam parte dele, e sendo o próprio, não há motivos para temê-lo, apesar da ausência de sua compreensão.

De qualquer forma, tentar entendê-lo é como olhar a imensidão da mente e da alma; sempre existirão dúvidas, em que pese a verdade manter-se ao redor

Fauno Mendonça, nasceu em Goiânia em 1968, escreveu cinco livros: "A Busca dos Loucos", "Encontre-se", "D. e o Procurador", "Ao Norte do Silêncio" e "Bragof".

Série GARÇAS BRANCAS E EU



Escura Manhã

Por Sellma Luanny

Outra nublada friorenta e escura manhã...
Tento vê-las contra o reflexo das ainda
acesas luzes artificiais, mas nada.
Espero uns segundos, minutos talvez
até conseguir. Enfim já estão...
uns tênues alados vultos contra o fundo
cinzento, consigo discernir.

E que alívio!... Vejo uma ou outra
contra a superfície da água, investir...
Ainda têm alimento... Ainda vivas!
Neste balé sobre o curso
líquido trazem a mim, um prazer
pela sua existência e beleza, gratuito.
Não preciso ir a lugares nenhuns.

Defronte à minha janela,
sobre este braço da foz, por hoje,
por agora, a sua paz, ainda têm.
E minutos depois, não são muitas,
mas mais do que no dia anterior...
Ontem mais forte, chovia.

Série GARÇAS BRANCAS E EU



Parecem já poucas

Por Sellma Luanny

Na quase ausência de luz, consegui vê-la.
Talvez a primeira do dia... E depois,
uma a uma, paulatinamente...
Como se já não houvesse
para muitas, alimento que chegasse...
Ou estariam elas com os seus ninhos,
ocupadas?
Ou para outras bandas
já se foram?

São poucas, muito poucas.
Espero que as inúmeras outras,
das levas precedentes...
aos inconvenientes e absurdos
- agudos ou crônicos - da época
e de sempre, das nossas atividades
decorrentes, tenham sobrevivido.

Muitos terrivelmente
agressivos humanos,
a fragilidade dos outros
e do meio, em conta
não levam.



Hora habitual

Por Sellma Luanny



Com ares de chuvoso, céu de nuvens,
pesado... Com os meus olhos fixos
sobre o trajeto, na hora habitual
uma apenas, mal consigo ver.

Segundos depois, ao clarear
um pouco mais... uma... e outras
se seguem... poucas mas já estão...
entre a cinzenta bicamada
sobrevoando a água.

Percebo que na maioria, direcionam-se
para frente e longe... Por melhores
fontes devem estar à procura...
A sabedoria do natural que muito
nos escapa, nelas, é-lhes vital.

Um número um pouco maior do que
na véspera. Por vê-las ativas e determinadas
fico mais feliz... As suas diárias
atividades... um pouco à minha frente,
o meu horizonte, embelezam.



Série GARÇAS BRANCAS E EU

Um floco

Por Sellma Luanny

Noutro escuro amanhecer...
discerni-las no cinzento panorama
quase não consigo... Mas, de
repente, vejo quatro vultos voando
em sintonia... Que bela visão!

Este cenário, no chegar destes alvos
seres, na quase estéril paisagem,
parte da minha manhã, se tornou.
Prendas diárias para um coração
que não pede... apenas espera.

SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias — em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

DICAS PARA LEITURA

Edição de Agosto



“
TECENDO POEMAS - VOL. VIII, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG
”

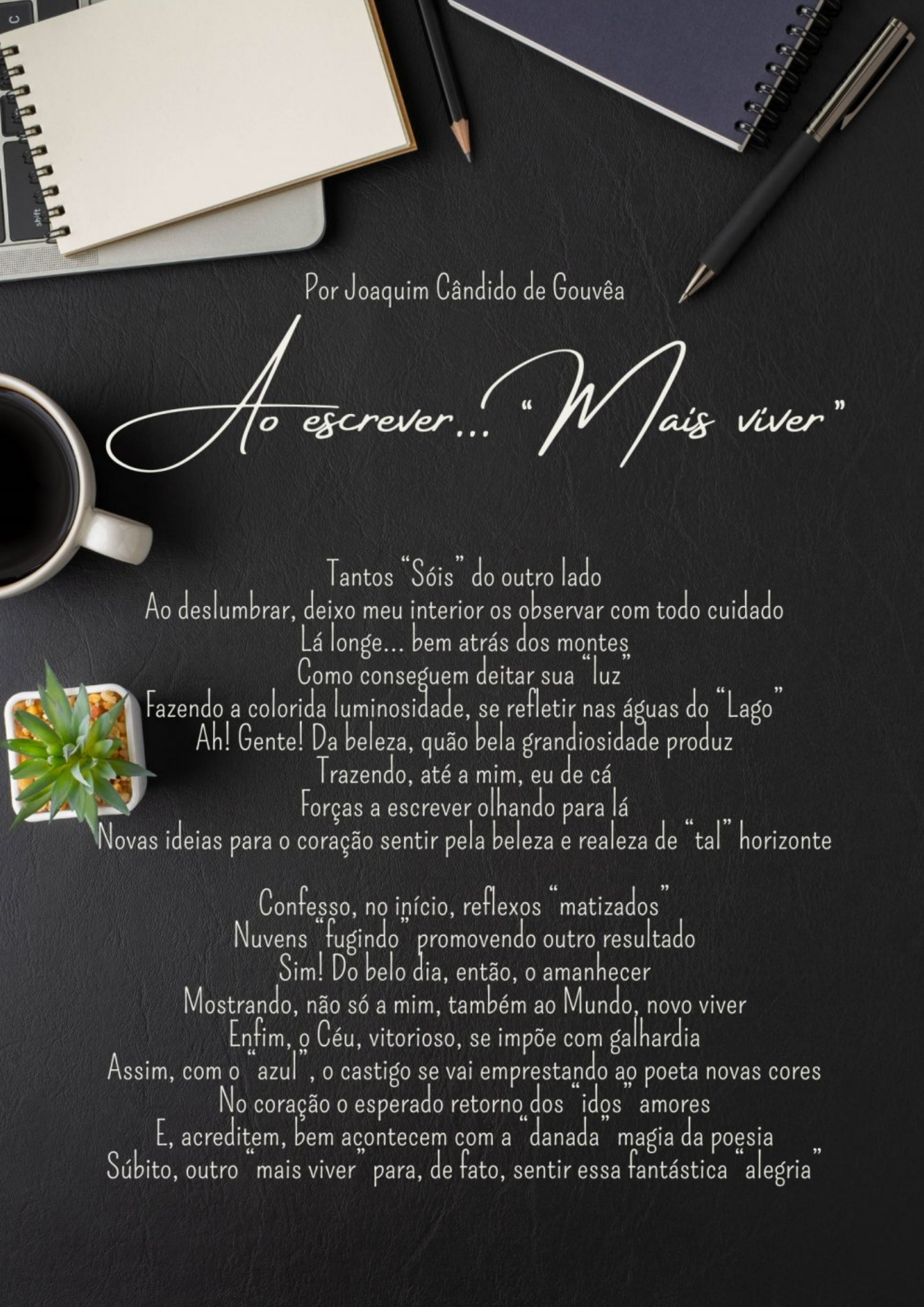
“
O LADO BOM DA VIDA - VOL. III, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG
”

@revistaconexaoliteratura

An illustration of a diverse group of people, including men and women of various ethnicities, gathered around a large wooden table in a library or bookstore. They are all smiling and engaged in conversation, with several open books on the table. In the background, there are tall bookshelves filled with books. A white banner hangs from the ceiling, displaying the magazine's title and a promotional message. In the foreground, there are several large stacks of books. The overall atmosphere is warm and intellectual.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO



Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Ao escrever... "Mais viver"

Tantos "Sóis" do outro lado
Ao deslumbrar, deixo meu interior os observar com todo cuidado
Lá longe... bem atrás dos montes
Como conseguem deitar sua "luz"
Fazendo a colorida luminosidade, se refletir nas águas do "Lago"
Ah! Gente! Da beleza, quão bela grandiosidade produz
Trazendo, até a mim, eu de cá
Forças a escrever olhando para lá
Novas ideias para o coração sentir pela beleza e realeza de "tal" horizonte

Confesso, no início, reflexos "matizados"
Nuvens "fugindo" promovendo outro resultado
Sim! Do belo dia, então, o amanhecer
Mostrando, não só a mim, também ao Mundo, novo viver
Enfim, o Céu, vitorioso, se impõe com galhardia
Assim, com o "azul", o castigo se vai emprestando ao poeta novas cores
No coração o esperado retorno dos "idos" amores
E, acreditem, bem acontecem com a "danada" magia da poesia
Súbito, outro "mais viver" para, de fato, sentir essa fantástica "alegria"

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Das Lágrimas

E os versos servindo de "bengala"
Procuram mostrar ao coração
Como do amor assim se fala
Deixando cada "gotícula" surfar nos olhos pela
emoção

A seguir, na face, mãos em ajuda
Para que em socorro, acuda
Alargando espaços no existente desfiladeiro
Formando caminhos a evitar o "derradeiro"

Ah! Ame, portanto,
Que seja para outra vez o mesmo "tanto"
Da beleza do amor aproveite a felicidade

Se, em alguma ocasião deixou o amor escapar
Corra, rapidamente, para novamente o "laçar"
Mesmo que pense, um dia, desse romance sentir
saúde

O SINCERO "SOCORRO"

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Ignorados
Versos caminham por entre "Céus" flutuando
Pelo poeta, antes bem elaborados, enfim
Para no seu interior
De que mais gostaria
Pudesse apreciar

O amar
Tão belo tomado pela poesia
Também carrega consigo alguma dor
E por se imaginar o fim diz o poeta que amar é assim
Dos "jeitos" de estar mesmo amando
No coração, também, repousam "machucados"

Ao socorro, pela estrada, surge a convicção
Como inocente criança chega saltitante... correndo
Abraça o sofredor com emoção
Deixa repousar ao seu "colo" o que está acontecendo
Posto que o poeta nunca se esquece
De quem, por infindo amor, somente padece



love

NÃO SE ESQUEÇA POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Ame!

Mesmo amargurada
Nada importa que um dia reclame
Sim! Por não ser correspondida... amada
Mas... ame!

Ame sempre, toda vez
Esqueça a expressão: veja o que você me fez!
Amanse o interior do seu coração! Ame, até se desesperada
Sorria dos julgadores por "Ele" não valer nada
Mas... ame... se entregue por toda a madrugada

Ame... então... absolutamente assim
Olvide que, lá na frente, seja enfim o fim
Esteja consciente de que o amor
Incorpora aquela dengosa flor
Que, a qualquer hora, também, deixa cair algumas pétalas no tempo
que for

Ame... portanto! Guarde dentro de si a certeza
Posto que banhada de rara beleza
Faz amanhecer, entre nós, aquela gostosa infância bem inocente
Que se guarda, muitas vezes, loucamente
Para se entregar, que seja, doidamente

Ame! Por favor!
Nada se compara à felicidade do amor
Ao falhar, deixa dentro de nós a saudade
Como experiência à nova orientação... outra realidade
E o coração? Ah! O coração... sorrirá por nova oportunidade

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas. Economista com inúmeros cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

Publico poemas mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA, em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024, e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS, no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários projetos da Editora Colibri, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive o meu início na Edição 06 e, atualmente, encontra-se na Edição 24; com a mesma coordenação, tive a participação com oito poemas nos livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA e ESCREVER BOCAGE.

Tenho editados dois Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, com os Títulos: "MAIS DO QUE BUQUE" e, "ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE..."

Seguiram-se dois outros Livros de poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO

EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos "NO CAMINHAR" e "SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE..."

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, publiquei dois romances com os Títulos: "ARDENTE ENCONTRO" e "SEIS MESES".

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal, com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical, escrevi cinco letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL, na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_

E-mail: mjgouvea@hotmail.com

Autor(a), conheça o **pacote** **divulgação** **para** **escritores**

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



Café da manhã

- JAFF SILVA -



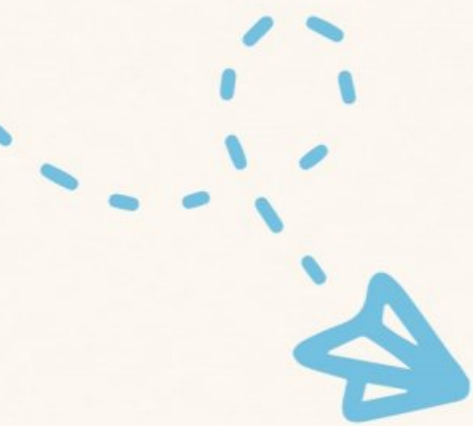
De manhã, bem cedinho,
Quem primeiro acordar
Apronta o nosso pãozinho,
As fatias de queijo,
E o bom café com leite.

Após um leve beijo
E um suave carinho,
Nós sentamos à mesa
Para nosso deleite.

A quieta beleza
Dos seus olhos e lábios
Maravilha minha alma.
E o roçar de seu afago
Me entenece com calma.

Bebendo meu café,
Escuto o murmurejo
Que o grande amor não morre,
Mas renasce apurado
No completar do afã
Do início da manhã.

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS de poemas estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst) e no YouTube (@Jaffkamphorst).



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



Presenças

POR CARLOS HAGABÊ GODOY

A voz de minha mãe segue-me,
Quer na Avenida Paulista,
Quer em meu quarto.
Em meu quarto, à noite,
Ela chega a gritar,
Espalha pela estação
Seu riso de dentes
Proeminentes.
Pelas ruas, são só sussurros,
“Muito cuidado”, ela diz,
Mesmo quando suprime
As palavras;
À noite, nada que se possa
Expressar com sílabas pobres,
Com pensamentos concretos.
À noite você precisa
Da intimidade das lacunas,
Da presença quente da poesia
Dos gestos,
Pura adivinhação,
Mas segura antecipação
Do que vem sem peso.
Vira e mexe,
Meu pai se interpõe,
A mesma dança
Das flores
Num relvado só de sonho.
Ele está aberto,
Aberto como jamais foi,
Ah, por quê?



Seu peito apara o calor
Que o dia lança em brilho,
Mas não toma
Pelo caule qualquer
Das adocicadas florezinhas brancas;
Quietas demais?
Pequenas demais?
Não: concretas demais,
Abundantes e aveludadas...
Demais.
Os olhos de meu pai
Me seguem,
Vêm comigo,
Vagam por meus dias
Por minhas madrugadas;
São tão solitários,
Os olhos de meu pai.
Quanto aos de minha mãe,
Eu sinto os olhos
Quando me volto,
Na incansável procura.
Encontro paredes,
Quietas demais,
Concretas demais,
Nuas,
Vazias de todas as
Presenças.

Meu nome é Carlos Hagabê Godoy, tenho 61 anos. Morei por exatos 40 anos em São Paulo, onde estudei Jornalismo. Agora vivo em Barão Geraldo (Campinas) – com um pouquinho mais de silêncio e verde das plantas – não de pessoas verdes ou amarelas de poluição... e procuro manter distância das vermelhas de raiva. Sou um ariano – no signo; latino – no sangue que ferve por algo. Pai do Henrique e do Eric (que personagens ricos!). Fiz o curso de Dramaturgia da SP Escola de Teatro, porque de Drama eu sou bom, embora prefira a placidez dos livros.

E-mail:
carloshbgodoy10@gmail.com



A BELEZA DA VIDA

POR CARLOS HAGABÊ GODOY

A menina corre na tarde sem cores,
Braços abertos feito um Cristo de fogo.
Ainda ontem passou por mim,
Na entrada do supermercado,
Sem que um dedo se levantasse
Em direção a ela ou aos céus.
Ela vai assim há décadas,
O corpo se desfazendo em dor,
O doce barato nas mãos.
As crianças choram, são sempre elas;
E a Beleza da Vida?
Nalgum ponto distante,
Onde a neve é negra na pele da tarde,
Cristais cortam os campos,
Zunindo feito a ventania inclemente.
Cobrando regatos com tecidos débeis.
Os jovens choram, são sempre eles;
E a Beleza da Vida?
Logo ali os morros se cobrem de fuligem,
Reverberam ausências na casca dura do dia.
A procissão vai longe, com todo tipo
De degenerado clamando ao Nada:
“Tende piedade de nós!”
Mulheres e homens choram, são sempre eles;
E a Beleza da Vida?
Para livrar-me dos males,
Limpo as solas dos sapatos

Na medula amarrotada
Das árvores,
Enquanto leio a manchete,
Impotente e bruta:
TUDO SOBRE
A BELEZA DA VIDA.

Meu nome é Carlos Hagabê Godoy, tenho 61 anos. Morei por exatos 40 anos em São Paulo, onde estudei Jornalismo. Agora vivo em Barão Geraldo (Campinas) – com um pouquinho mais de silêncio e verde das plantas – não de pessoas verdes ou amarelas de poluição... e procuro manter distância das vermelhas de raiva. Sou um ariano – no signo; latino – no sangue que ferve por algo. Pai do Henrique e do Eric (que personagens ricos!). Fiz o curso de Dramaturgia da SP Escola de Teatro, porque de Drama eu sou bom, embora prefira a placidez dos livros.

E-mail:
carloshbgodoy10@gmail.com

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
POEMAS FLORAIS
VOL. VI

E-BOOK

SELO
CONEXÃO LITERATURA

VOL. VI

**POEMAS
FLORAIS**

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

*"Uma coletânea onde cada poema é
uma pétala de sensibilidade."*

saiba mais: clique aqui

O refúgio de mim

Por Sandra de Castro Profeta

Resolvi fugir.

Sim, fugir – desta vida cheia de demandas, regras, limitações...

Fugir dos ruídos que embotam o livre sentir, o livre pensar.

Não buscava perfeição.

Buscava silêncio. Reflexão.

Queria apenas encontrar o que ainda pulsava em mim.

Em momentos furtivos, descobri:

encontrar-me seria um milagre sutil – quase mágico.

Pela fresta da porta, saí de mansinho.

Voei com o vento no rosto, o céu coalhado de estrelas.

E no silêncio, me vi livre.

Leve. Serena.

Um mundo novo se descortinava, como se eu estivesse nascendo em um espaço encantado.

A terra então me chamou.

Desci, suave, em uma pequena floresta.

Pouso leve. Os pés tocaram o chão –

e a natureza me acolheu com sua dança invisível.

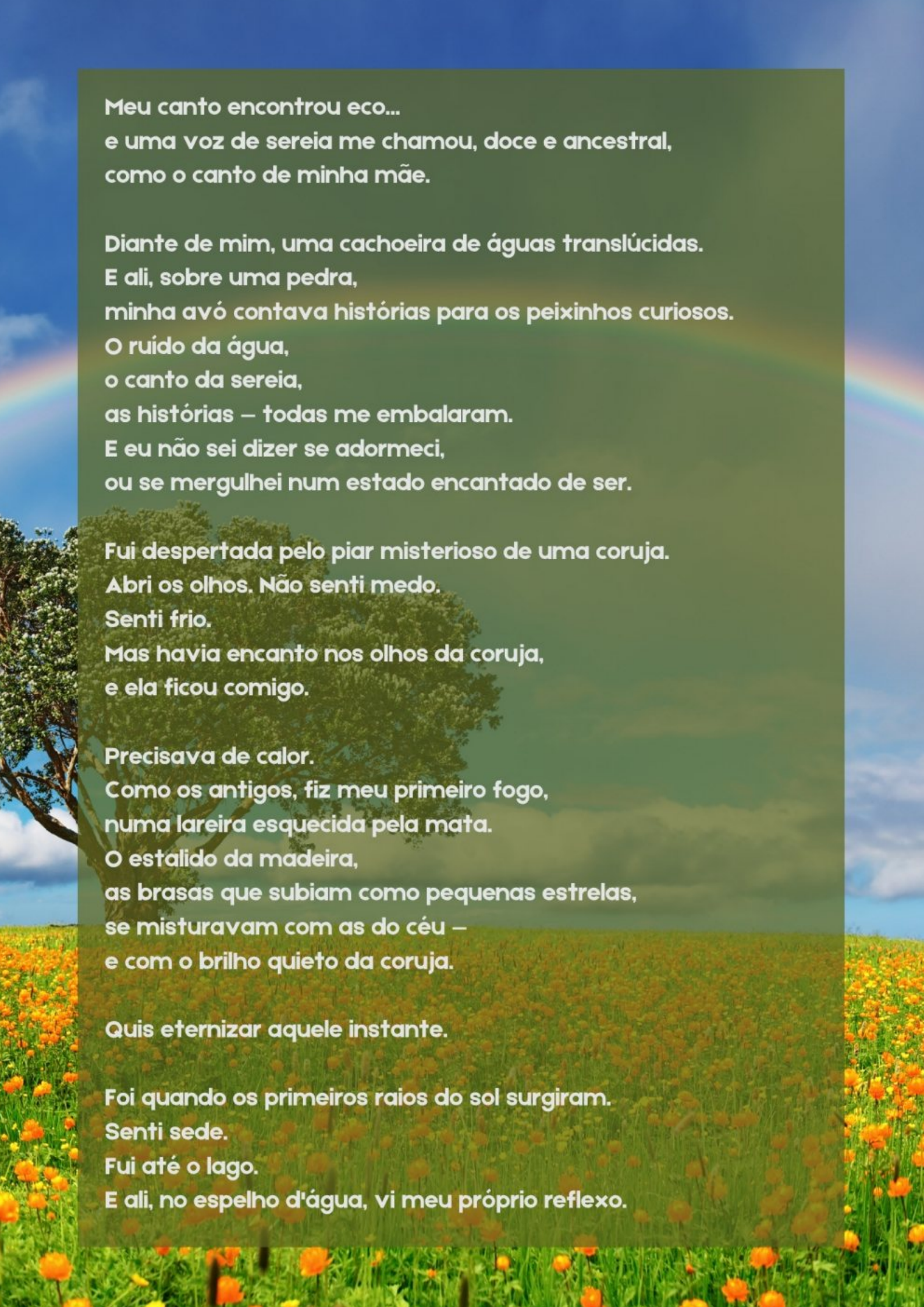
Tudo se movia em harmonia.

Quanta vida! Quanta paz! Quanta energia!

Com os pés firmes, me pus a andar.

Depois a correr.

Depois a cantar.



Meu canto encontrou eco...
e uma voz de sereia me chamou, doce e ancestral,
como o canto de minha mãe.

Diante de mim, uma cachoeira de águas translúcidas.
E ali, sobre uma pedra,
minha avó contava histórias para os peixinhos curiosos.
O ruído da água,
o canto da sereia,
as histórias – todas me embalaram.
E eu não sei dizer se adormeci,
ou se mergulhei num estado encantado de ser.

Fui despertada pelo piar misterioso de uma coruja.
Abri os olhos. Não senti medo.
Senti frio.
Mas havia encanto nos olhos da coruja,
e ela ficou comigo.

Precisava de calor.
Como os antigos, fiz meu primeiro fogo,
numa lareira esquecida pela mata.
O estalido da madeira,
as brasas que subiam como pequenas estrelas,
se misturavam com as do céu –
e com o brilho quieto da coruja.

Quis eternizar aquele instante.

Foi quando os primeiros raios do sol surgiram.
Senti sede.
Fui até o lago.
E ali, no espelho d'água, vi meu próprio reflexo.

Caminhei leve,
seguindo a luz da manhã.
E assim retornei para casa.

Mas algo havia mudado.
Tudo parecia mais leve, mais claro.

Não foi uma transformação.
Foi um reencontro.
Eu havia descoberto, dentro de mim,
forças antigas –
forças que sempre estiveram lá.

Sou Sandra de Castro Profeta, médica pediatra, alergista e pneumologista com mais de 40 anos de dedicação ao ensino e ao cuidado. A escuta atenta e o vínculo humano marcaram minha trajetória e também inspiram minha escrita. Nas crônicas, dou voz aos afetos, silêncios e sopros da vida. Corro, estudo línguas, pratico yoga e escrevo para seguir pulsando. Celebro a maturidade como um tempo fértil para criar e superar novos desafios.

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE
DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

DIVULGUE

O SEU LIVRO,
LIVRARIA, EDITORA,
SITE, LOJA...



CLIQUE AQUI E
CONFIRA

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULG

ANÁLISE SIGILOGRÁFICA DAS PRINCIPAIS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO

CARNAVAL 2025

POR FLAVIO JOFFERT

da Academia Lusitana de
Heráldica, e da Associação
Internacional de
Heraldistas Amadores

A metodologia de
seleção num universo
amostral de 89
Escolas de Samba



No presente trabalho, é realizado um estudo amostral dos emblemas de Escolas de Samba. Analisando sob o ponto de vista da semiótica, elementos heráldicos, simbologia, etc. Tem-se como carnaval um complexo de festividades, atribuídas a uma origem pagão nas Saturnalhas, e nos Bacanaís, que marcavam estações do ano. Todos esses emblemas de Escolas de Samba remetem principalmente à guildas, grupos, e associações como times de futebol, que vão ter uma bandeira de livre adesão. Cada uma delas com uma mensagem de significado tanto quanto o "patriotismo" em pertencer ao grupo. Cores muitas vezes "dizem" muito: os mangueirenses dizem serem verde e rosa. Muitas dessas cores remetem ao devocionário popular. Principalmente aos Orixás de matiz afro-brasileira.

A metodologia de seleção num universo amostral de 89 Escolas de Samba que inclui: Primeira Divisão Grupo Especial; Segunda Divisão Série Ouro; Terceira Divisão Série Prata; Quarta Divisão Série Bronze; Quinta Divisão Grupo de Avaliação foi selecionado A primeira e segunda divisão numa amostra de 27 emblemas, sem qualquer outro critério discriminatório que possa preterir qualquer uma das 89 escolas. A amostragem foi realizada na lista de Escolas de Samba do Carnaval de 2025.

Uma primeira observação, como se diria uma olhada permite notar que muitas das escolas usam em seus emblemas coroas, e instrumentos musicais, águias, bichos de pena no universo religioso afro-brasileiro também são notados. Brasões propriamente ditos são raros. Tem-se agora a amostra organizada em duas tabelas: Tabela I Primeira Divisão; Tabela II Segunda Divisão.

TABELA I - EMBLEMAS DAS ESCOLAS DE SAMBA PRIMEIRA DIVISÃO - GRUPO ESPECIAL



TABELAS II – EMBLEMAS ESCOLAS DE SAMBA SEGUNDA DIVISÃO – SÉRIE OURO



TABELA III - CORES

Padrão de Cores	R	%
Azul e branco	7	25.9%
Vermelho e branco	7	25.9%
Azul e amarelo	2	7.4%%
Vermelho e Verde	3	11.11%
Verde e branco	3	11.11%
Azul e vermelho	3	11.11%
Rosa e branco	1	3.7%
Preto e branco	1	3.7%
Total	27	100%

TABELA IV - ORIXÁS

Padrão de Cores	ORIXÁ	%
Azul e Branco	Iemanjá	25.9
Vermelho e branco	Yansã	25.9
Verde e Branco	Ossaim	11.11
Preto e Branco	Jagum	3.7
TOTAL	4	66.61% (100%)

TABELA V – Análise de Tendências

AMOSTRA IDENTIFICADA	%
Azul e branco	38.88%
Vermelho e branco	38.88%
Verde e branco	16.67%
Preto e branco	5.5%
TOTAL	100%



Sob o ponto de vista analítico da sigilografia identifica-se os padrões de cores em que 66. 61 % da amostra se identifica com um Orixá. Sendo demonstrado pelos dados que a maior tendência é relacionada à Iemanjá, Yansan Orixás muito mais conhecidos que Ossaim, e Jagum.

Elementos heráldicos, comuns em emblemas de associações, conhecidos como heráldica corporativa, estão presentes na amostra. Tem-se que 40% da amostra é composta por emblemas com coroas, e 14.8% por brasões ou objetos que se poderiam identificar como escudo heráldico.

Inclusive haveria um emblema que faria alusão à Águia Real da Prússia. (como se pode notar)

A águia ou bichos de pena aparecem em 25.9% da amostra. Simbolicamente esses animais (aves) tem a leitura da liberdade, do voar alto, que se define como parte do que se atribuiu à Fernão Capelo Gaivota, mas também a liberdade que se encontram nesses dias de festas.

A maior porcentagem quantitativa obtida é de 40% para o uso de coroas como emblemas, que no Brasil tem a significância conhecida pelos atributos do Rei Pelé, do Rei Roberto Carlos em que a imagem coroa, e a palavra rei tomam a "conotação" de ser um dos preferidos.

A menor proporção encontrada nas amostras é a de 3,7%. Isso pode identificar alguns caracteres peculiares. Uma tendência à um grupo mais característico.

Do total, é marcante a identificação com Orixás. (66.61%)

A leitura educacional do Carnaval, nas escolas que outrora foram secundárias tem a imagem de Chiquinha Gonzaga, carioca, é conhecida por todos os adolescentes como a compositora que cria a música "o Abre Alas" do Carnaval de 1899. Iniciava-se um processo de abertura na sociedade que permitia o lúdico, e a malandragem típica do carioca. Representada por Walt Disney como o Zé Carioca.



Mas o carnaval também começava em São Paulo, nos tempos de antigamente, os desfiles de rua, os calhambeques, principalmente o dos "corneis" faziam do carnaval do Rio e São Paulo, algo distinto das festividades de Olinda.



Rio de Janeiro



São Paulo



Dodo e Osmar



Dodo e Osmar, jogam com essa discrepância cultural quando lembram do "velho calhambeque" como nascimento de algo que iria se diversificar. O Carnaval de Bahia, principalmente Salvador, é peculiar como o de Olinda. Lá não há os desfiles e sim os conhecidos trios elétricos.



Mas quando se relaciona Escola de Samba e Carnaval, relacionamos o Samba, uma dança afro brasileira, que tem sua origem nas primeiras populações de africanos que chegam escravizados no Brasil, com uma festa Sazonal. Samba-se qualquer dia do ano. O carnaval é um desfile. Veneza é conhecida por seus Carnavais, de uma população nintidamente indo-europeia, mas não é Samba.

As comunidades afro-brasileiras já iniciavam o processo de um carnaval típico em 1892. O sistema já integrava as comunidades um tanto quanto excluídas. Chiquinha Gonzaga, embora abolicionista, ainda integrava uma elite social que nos trópicos hora vivia, uma "atropofagia" da cultura europeia, hora criava seus próprios valores culturais..

A religiosidade folclórica, abria sempre espaço para sincretismos que a população criava no seu dia a dia que seriam as "épocas do ano" (estações) como cultura afro-brasileira e europeia do que se vivia aqui.



Neste ponto tem-se a mesma referência semiótica para as Congadas de Reis, ou Coração do Rei Congo, com a estrutura de Mestre Sala e Porta Bandeira. Algumas manifestações culturais são mais sincréticas que outras, mas todas elas trazem a liberdade de naquele dia serem livres num processo de imagem dentro da comunidade.

Portugal como origem europeia de parte de "nossas" matrizes, tem na Ilha da Madeira as conhecidas Festas da Flores para celebrar a primavera. São desfiles como os nossos", mas em sua característica não têm o samba, em si.



São Paulo também se caracteriza por um carnaval cada vez mais semelhante ao do rio de Janeiro. Com desfiles principalmente. A marca das Escolas de Samba se identifica principalmente por unir o samba ao carnaval. Este samba carioca é bem retratado, em seu nascimento, na obra O cortiço de Aluísio de Azevedo. A literatura dos fins do Século XIX descreviam os grupos socio culturais que trazem a formação da sociedade brasileira, carioca, do carnaval como festa europeia com uma dança afro-brasileira, o samba.



Após a Revolução dos Cravos, em 1976, chega em Portugal a primeira Escola de Samba. Criada como elemento da cultura luso-brasileira, que possui um peculiar emblema azul e branco como alguns dos emblemas das escolas de samba cariocas.

CRÉDITO DAS IMAGENS: imagens fornecidas por Flavio Joppert



SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Foto: Flavio na Niteroiense de Letras

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

VOL. VIII

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

Leitor redimido

POR MÓNICA PALACIOS

As raridades nos atrasam, embora não impliquem motivo para tal. Já devem ter observado que, curiosamente, quando os temas do dia a dia não têm retorno nas mídias, os **Sres.** escolhem temas naturais, casos especiais de vacinas milagrosas e até projetos que envolvam inúmeros profissionais que sempre tem nomes complicados, de cidades distantes ou grandes Universidades com dificuldades para constatar.

Fico imaginando o lado criança de cada leitor, parece se satisfazer só quando descobre um novo objetivo para se entregar, vibrar. Volto a me perguntar... quanto espaço reservamos para nossos heróis ou protagonistas de filmes e romances?

Nada como uma antiga fábula ou um diário de viajantes ou uma entrevista para sonhar e sentir que a nossa imaginação pode voltar a vibrar com extrema facilidade. Precisamos acreditar que não é possível dar conta de tudo. Sempre algo vá a escapar, nossa visão será parcial. Assim como um jogo de esconde-esconde ou até uma fotografia, embora bela, não abrange tudo.

Se nos posicionamos mais iluminados ante essas variáveis, estou segura de que nosso lado lúdico, imaginativo e solidário nos redimirá; conseguirá nos motivar por contos, histórias, atividades ou momentos maravilhosos e mágicos

Vamos aceitar o desafio?

Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú – Aventuras de Filipo – A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.

Revista Conexão Literatura

Ensaio Sobre a Cegueira

“A pior cegueira é a mental,
que faz com que não
reconheçamos o que temos
pela frente.”

Ensaio sobre a cegueira
– José Saramago



Eduardo Amaro

autor luso-brasileiro,
amplia universo
fantástico com novo
livro "O Diário de
Solomon Don Dunce"

A carreira literária de Amaro teve início nos anos 1990, com colaborações em fanzines de terror e Metal, como o Juvenatrix e o próprio Na Calada da Noite, que ele fundou.



O escritor e professor universitário luso-brasileiro Eduardo Amaro, cuja primeira incursão romanesca no universo fantástico foi a Ópera Rock "Alma Celta" (Editora Leya, 2014), que ganhou fama como obra multimídia do grupo Marmor durante a primeira Comic Con XP, retorna com sua mais recente aventura: "O Diário de Solomon Don Dunce". A publicação marca a continuação de um universo literário que combina poesia, mitologia e magia, projetado para leitores de todas as idades: o Marmorverso.

Amaro é doutor em Literatura e Vida Social pela UNESP (2018) e Pós-doutor pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), onde atua como professor adjunto nas áreas de Língua e Cultura Latina, Filologia e Linguística. As pesquisas que desenvolve investigam temas como a construção do ethos na literatura sob as perspectivas bakhtiniana e junguiana.

De fanzines ao Marmorverso

A carreira literária de Amaro teve início nos anos 1990, com colaborações em fanzines de terror e Metal, como o Juvenatrix e o próprio Na Calada da Noite, que ele fundou. Neste ambiente underground, publicou contos — incluindo o elogiado “Lua, Perversa Lua” — e entrevistou bandas do Metal. Foi também nessa época que conheceu o baterista Marcelo Moreira (Almah), parceiro do projeto “Alma Celta”, posteriormente transformado em livro-álbum publicado pela Leya.

“Alma Celta” mescla música, literatura, quadrinhos e RPG, ambientados na mitologia celta, e foi lançado com trilha sonora rock-metal produzida pelo Marmor, incluindo ilustrações em formato de encarte. A narrativa segue o mago milesiano Amergin, em busca de artefatos mitológicos celtas para conquistar a Irlanda.

Em “O Diário de Solomon Don Dunce”, Amaro apresenta uma fábula moderna. Entre páginas antigas e criaturas encantadas, o leitor é convidado a seguir Michael, um adolescente aparentemente comum que se vê imerso em um destino extraordinário. Em sua jornada, aprenderá que o verdadeiro poder não está na força, mas nas decisões que tomamos quando o mundo depende de nós. Michael enfrenta o enigmático Baal e atravessa locais simbólicos como o Vale das Lágrimas.

A obra aprofunda temas como herança, escolha, coragem e responsabilidade. O artefato central — um diário mágico — serve como guia para desvendar um conflito primordial entre luz e trevas, estabelecendo Michael como a chave para o equilíbrio do mundo. Com coragem, empatia e a sabedoria adquirida durante a jornada, ele se torna o guerreiro improvável que pode salvar o mundo da escuridão.



O Marmorverso continua a se expandir

Com “O Diário de Solomon Don Dunce”, Eduardo Amaro cria um segundo ponto de entrada no Marmorverso — universo já consagrado pela interseção entre narrativa literária, musicalidade e arte visual. Em suas palavras, trata-se de “jornadas épicas de descoberta, coragem e autoconhecimento, que mesclam o fantástico com dilemas humanos profundos”. Como autista, Amaro valoriza a premissa da superação e isso transparece em sua escrita.



Enquanto Alma Celta integrava a mitologia irlandesa por meio de uma experiência multimídia, a nova obra promete uma imersão total nas camadas míticas de seu universo, desta vez focada na formação de um herói relutante em diálogo direto com arquétipos espirituais, intertextualizada com os grandes nomes da literatura gótica, principalmente com Edgar Allan Poe.

Estão programadas mais obras para este multiverso: "Lua, Perversa Lua" — agora em romance, "Sombras de mim" e "A Ascensão da Raposa Soturna".

Sobre o autor e seu academicismo

Além de escritor, Amaro desenvolve pesquisas acadêmicas sobre crítica literária, mitologia e literatura clássica. Na UFRR, ministra as disciplinas de Filologia Românica, Latim: Língua e Cultura, Análise do Discurso e Tópicos Teóricos e Metodológicos em Bakhtin. Ele tem uma produção científica voltada para os estudos bakhtinianos. Sua bagagem intelectual soma rigor acadêmico com vocação poética.

Leitura recomendada: quem se encantou por "Alma Celta" tem diversão garantida na nova sequência por se tratar de um universo em expansão. Leitores que valorizam jornadas míticas potentes, temperadas de simbologia, testes de caráter e uma pitada de terror gótico, encontrarão em "O Diário de Solomon Don Duncie" um convite à reflexão e ao entretenimento de qualidade.

Lançamento oficial: em Setembro durante o Congresso Internacional da Abraplip (Londrina/PR).

Conheça o autor




**EDUARDO
AMARO**

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TEMPO DE AMAR

VOL. XIV

Contos
e poemas

E-BOOK

Tempo de
amar

Ademir Pascale
organizador
Vol. XIV

saiba mais: clique aqui

AFETO E AÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE HENRI WALLON E BARUCH DE SPINOZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por Lucilie Juracy dos Santos



Resumo

Este artigo teórico propõe uma reflexão sobre os fundamentos da relação pedagógica na Educação Infantil a partir do diálogo entre Henri Wallon e Baruch de Spinoza. Partindo da concepção de afeto como eixo estruturante do desenvolvimento humano, buscamos compreender como as emoções, os vínculos e a ação estão implicados na construção da prática docente com crianças pequenas. Em Wallon, encontramos o corpo e a afetividade como bases da inteligência e da sociabilidade infantil; em Spinoza, os afetos aparecem como modos de existência e expressão da potência de agir. Ao articular esses referenciais, defendemos que a Educação Infantil exige do educador uma presença sensível e ética, que reconhece a criança em sua inteireza e complexidade. O artigo aponta que pensar a prática pedagógica a partir do afeto não é romantizar a infância, mas afirmar o compromisso político com a formação de sujeitos potentes, ativos e reconhecidos em sua humanidade.

Palavras-chave: Afetividade; Educação Infantil; Henri Wallon; Baruch de Spinoza; Relação Pedagógica.

1. Introdução

A afetividade constitui uma dimensão essencial da experiência humana e, na infância, assume papel estruturante nos processos de desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Na Educação Infantil, o afeto se manifesta na relação entre adultos e crianças, nas interações cotidianas, nas expressões do corpo e da linguagem, revelando-se como um campo privilegiado para pensar a ação pedagógica. Este artigo tem como objetivo promover um diálogo entre Henri Wallon e Baruch de Spinoza, articulando suas concepções sobre afeto e ação, a fim de contribuir para a compreensão da prática docente na infância a partir de uma perspectiva ético-filosófica e psicogenética.

Enquanto Wallon compreende a afetividade como base da constituição da inteligência e das relações sociais, Spinoza nos propõe uma leitura potente dos afetos como variações da força de existir — afetar e ser afetado são movimentos que definem a condição humana. Ao reunir esses dois pensadores, buscamos fundamentar a ideia de que educar na infância é criar condições para que a criança amplie sua potência de agir, sendo reconhecida em sua inteireza, desejo e sensibilidade. Longe de um olhar romantizado, trata-se de afirmar a dimensão política e formativa do afeto na relação educativa.

2. Afetividade e desenvolvimento na teoria de Henri Wallon

Henri Wallon, psicólogo e médico francês, construiu uma teoria do desenvolvimento infantil que integra corpo, emoção, inteligência e meio social. Em sua visão, a afetividade não é um estágio superado pela razão, mas um componente indissociável da constituição do sujeito. Para Wallon (2007), os primeiros anos de vida são marcados por um predomínio afetivo, onde o corpo é o principal meio de comunicação da criança com o

mundo. Os gestos, os olhares, os choros e os sorrisos são formas primeiras de linguagem afetiva que expressam desejos, desconfortos e vínculos.

A afetividade tem função organizadora: regula as relações com o ambiente e com os outros, permitindo à criança significar suas experiências e construir sua identidade. Além disso, Wallon destaca a importância da alternância funcional entre emoção e cognição ao longo do desenvolvimento — ora prevalece a emoção, ora a inteligência, num jogo dinâmico de equilíbrio. Essa perspectiva desafia concepções escolares que separam razão de emoção e destaca o papel da educadora como mediadora sensível, capaz de escutar e interpretar os sinais afetivos das crianças.

Na Educação Infantil, a teoria de Wallon oferece base sólida para práticas que consideram o corpo, a brincadeira, o gesto e o afeto como constitutivos do ato educativo, reconhecendo que o vínculo entre professora e criança é condição para a aprendizagem e o desenvolvimento integral.

3. Afetos e potência de agir em Baruch de Spinoza

Baruch de Spinoza, filósofo do século XVII, elaborou uma filosofia que rompe com as dualidades mente-corpo, razão-paixão, natureza-cultura. Para Spinoza (1979), tudo o que existe é expressão de uma única substância infinita (Deus ou Natureza), e os seres humanos são modos dessa substância, dotados de potência de agir. Os afetos, segundo ele, são variações dessa potência — formas pelas quais os corpos são afetados e afetam outros corpos, aumentando ou diminuindo sua força de existir.

Spinoza distingue os afetos passivos (paixões) dos ativos. Os passivos são aqueles que nos acometem sem que tenhamos clareza de suas causas, diminuindo nossa potência e nos tornando sujeitos à tristeza, medo, ódio, vergonha. Os afetos ativos, por outro lado, aumentam nossa potência e estão ligados à alegria, ao conhecimento das causas e à ação consciente. Assim, a liberdade, para Spinoza, não é ausência de regras, mas potência de agir a partir do conhecimento de si e do mundo.

Aplicada à educação, a filosofia spinozana nos convida a olhar para as relações pedagógicas como encontros que afetam e são afetados. A professora, ao afetar a criança com palavras, gestos e olhares, pode ampliar sua potência (provocando alegria e desejo de aprender) ou diminuí-la (gerando medo, vergonha ou retraimento). A afetividade, então, não é apenas emoção, mas ação política e ética: é o modo como se constrói ou se nega a potência de existir do outro.

4. Contribuições para a prática pedagógica na Educação Infantil

O diálogo entre Wallon e Spinoza oferece à prática docente uma chave de leitura sensível e potente para pensar a Educação Infantil. De Wallon, aprendemos que a criança se desenvolve em espiral, num constante movimento entre emoção e cognição, e que o afeto é condição de desenvolvimento. De Spinoza, compreendemos que o afeto é ato e relação, e que a educação é o campo onde se pode potencializar ou inibir o modo de existir da criança.

Nesse sentido, a prática pedagógica não pode se reduzir à aplicação de conteúdos ou rotinas. Ela exige uma atenção ética à presença da criança, à escuta dos seus gestos, ao reconhecimento dos seus tempos, desejos e singularidades. O afeto se manifesta quando a professora acolhe o choro com empatia, quando se alegra com as conquistas pequenas do dia a dia, quando respeita o silêncio de quem ainda observa antes de agir. É nesse cotidiano que a potência se constrói.

Também é necessário reconhecer que há afetos tristes nas relações educativas: a imposição, o grito, a pressa, a rotinização vazia. Tais práticas diminuem a potência de agir da criança e da professora, esvaziam o sentido da educação e produzem sujeição. Portanto, uma pedagogia do afeto, à luz de Wallon e Spinoza, é uma pedagogia da potência, da escuta e da presença comprometida com a liberdade e a alegria de viver e aprender.

5. Considerações finais

Ao propor um diálogo entre Henri Wallon e Baruch de Spinoza, este artigo procurou lançar luz sobre a centralidade da afetividade na prática docente na Educação Infantil. Em ambos os pensadores, encontramos uma visão integrada do ser humano, em que o corpo, o afeto e a ação estão profundamente entrelaçados. O afeto não é, portanto, algo a ser “controlado” ou “domesticado” pela razão, mas sim um elemento vital da relação pedagógica.

A partir dessa perspectiva, reafirmamos que educar na infância é um gesto ético, estético e político. É reconhecer o outro em sua singularidade, abrir-se ao encontro e favorecer experiências que ampliem a potência de existir das crianças. Em tempos de racionalização excessiva da educação e de esvaziamento do sentido do cuidado, recuperar a força dos afetos é um ato de resistência e de esperança.

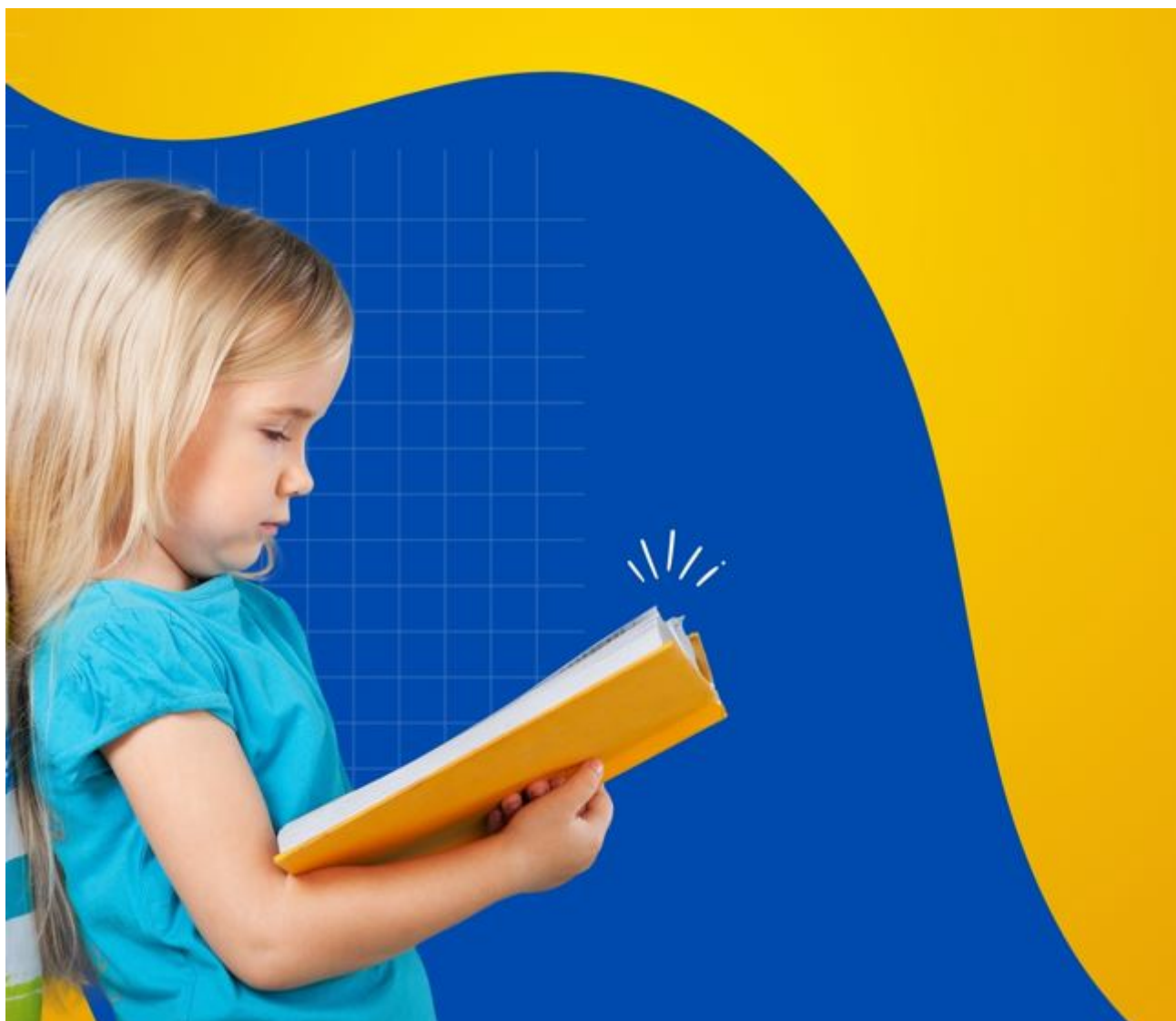
Referências

- DELEUZE, Gilles. *Spinoza: Filosofia prática*. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Escuta, 1992.
- DOLTO, Françoise. *Quando os pais se separam*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- SPINOZA, Baruch de. *Ética*. Tradução de Tomás da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).
- SPINOZA, Baruch de. *Tratado da correção do intelecto*. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- TONET, Ivo. A teoria do conhecimento de Spinoza: afetividade, razão e liberdade. *Revista Germinal*, Salvador, v. 6, n. 1, p. 48-64, 2014.
- WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

WALLON, Henri. *As origens do caráter na criança*. Lisboa: Estampa, 1995.

WALLON, Henri. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1999.

ZANELLA, Ana Vitória; FARIAS, Cristiane da Silva. O afeto e a cognição em Wallon: contribuições para a prática educativa. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 42, n. 30, p. 47-66, jan./abr. 2014.



Lucilie Juracy dos Santos é mestra em Educação, pesquisadora das relações entre afetividade, ética e práticas pedagógicas na infância. Possui experiência na Educação Infantil e dedica-se ao estudo das contribuições de Henri Wallon e Baruch de Spinoza para a compreensão da formação humana. Atua em projetos que articulam teoria e prática, com foco na construção de ambientes educativos sensíveis às emoções, aos vínculos e à potência de agir das crianças.

Entrevista exclusiva com A. R. Santos

POR ADEMIR PASCALE



A. R. Santos - Foto Divulgação

A.R.SANTOS nasceu em Dom Pedrito em 1953. Mora em Santana do Livramento RS. É funcionário público aposentado, músico, escritor e leitor voraz. Com doze anos ganhou seu primeiro prêmio literário. Em 1981 teve suas primeiras crônicas publicadas por um jornal local. Estudante universitário dispersivo; desse tempo, ficaram apenas as palavras da professora de português a cada redação que escrevia. Se estás procurando um caminho na vida, não procures mais. O caminho é esse: a literatura.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

A. R. Santos: Escrevo desde menino. Um dia, ganhei um livro de presente da minha irmã. Disse a ela que não era bom e que eu era capaz de escrever um romance muito melhor. Ela respondeu: “Não duvido, mas quero ver”. Assim nasceu Ratazana da Biblioteca, meu primeiro romance.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Um Pouco da Fauna em Versos”, poderia comentar?

A. R. Santos: Em “Um pouco da fauna em versos”, apresento uma série de poemas que homenageiam diversas espécies animais, desde as mais comuns até as mais exóticas. Os “personagens” principais incluem o cavalo, a baleia, a aranha, e muitos outros, cada um descrito com suas características únicas e sua importância no ecossistema. A trama se desenrola através de versos que combinam informações, humor e reflexões sobre a natureza.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

A. R. Santos: Escrevo para passar o tempo, me divertir, então tenho total liberdade. Como escrevo sobre o que quero não enfrento bloqueios. Depois é só lapidar, aparar as inconsistências, refinar verificar se está tudo gramaticalmente correto. Ainda que inconscientemente acredito que Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Flaubert e outros estão comigo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

A. R. Santos A poesia sobre o elefante me reportou aos filmes, aos gibis e ao livro “Tarzan na selva” de Edgar Rice Burroughs. Com essa base de conhecimentos sobre esse animal. Não levei dez minutos para compor a poesia.

A sacada de misturar Pelé, Neymar e piracema na poesia sobre o peixe. Quando a li com calma pensei: Deus, como é que eu fiz isso? A poesia sobre o condor, que alegria quando minha irmã disse: - muito boa.

Também destaco a poesia sobre o cavalo. Quando a li, senti alguma coisa de mágico, a partir daí as poesias ganharam uma importância inimaginável para mim.



Conexão Literatura: Quem pode ler “UM POUCO DA FAUNA EM VERSOS?”

A.R.Santos: Pode ser lido por todos. Não importa o grau de escolaridade, a faixa etária ou a classe social dessas pessoas. O livro é para divertir, relaxar, descontraír.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

A. R. Santos: O melhor lugar é visitar o blog da Editora Viseu. O livro está

disponível na Amazon, Estante Virtual, Magalu, Americanas, e Submarino também em formato E-Book.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

A. R. Santos: Penso que o grande nicho de leitores encontra-se na faixa etária acima dos quarenta, sobre os jovens escrevi uma crônica “Geração corta e cola” que pretendo incluir no meu próximo livro.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

A. R. Santos: Sim, pretendo lançar em breve um livro que reunirá contos, crônicas e poesias. Espero poder viabilizar isso.

Perguntas rápidas:

Um livro:) Cito dois: Madame Bovary e O Cortiço

Um ator ou atriz: Selton Mello

Um filme: Adivinhe quem vem para jantar

Um hobby: Tocar violão

Um dia especial: Domingo dia que dedico ao Senhor Jesus.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

A. R. Santos: Se a leitura do meu livro levar alguém a uma reflexão que esta

reflexão o leve para um mundo melhor e desejar que a paz esteja sempre com os homens e mulheres de boa vontade.



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

Entrevista exclusiva com Bárbara Zampol

POR ADEMIR PASCALE



Bárbara Zampol - Foto Divulgação

Artista, neurocientista comportamental e mentora de comunicação, Bárbara Zampol é autora do livro “O Despertar da Voz – Um Protocolo Diário para Fortalecimento da Confiança Através da Neuroplasticidade” e fundadora do Programa Você Protagonista. Graduada em Artes Cênicas pela Unesp e pós-graduada em Neurociências e Comportamento pela PUC-RS, Bárbara combina conhecimento técnico e emocional, capacitando pessoas a superarem desafios e descobrirem o poder de sua comunicação.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Bárbara Zampol: Minha trajetória nas artes cênicas me proporcionou a oportunidade de explorar diversas linguagens, incluindo a música e a literatura. Durante algumas montagens teatrais nas quais atuei, pude compor canções, poesias e textos que foram apresentados, não apenas por mim, mas também pelos coletivos de teatro em que participei. Além disso, tive a honra de adaptar e dirigir obras clássicas, como ‘Hamlet’, de William Shakespeare, e ‘Um senhor muito velho com umas asas enormes’, de Gabriel García Márquez. No entanto, de forma mais específica, “O Despertar da Voz

– Um Protocolo Diário para Fortalecimento da Confiança Através da Neuroplasticidade” é o meu primeiro livro. Assim, posso afirmar que este momento marca o meu início no meio literário.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “O Despertar da Voz – Um Protocolo Diário para Fortalecimento da Confiança Através da Neuroplasticidade”, poderia comentar?

Bárbara Zampol: O livro “O Despertar da Voz – Um Protocolo Diário para Fortalecimento da Confiança Através da Neuroplasticidade” surgiu a partir da minha pesquisa na pós-graduação em Neurociências e Comportamento pela PUC-RS, em 2023/2024. Inicialmente, eu não tinha a intenção de lançar um livro; meu foco era investigar quais práticas e técnicas poderiam ser realizadas diariamente para fortalecer a confiança e a resiliência emocional ao falar em público, considerando os princípios da neuroplasticidade. Meu objetivo era encontrar respostas que pudessem ser úteis aos meus alunos e mentorados do Programa Você Protagonista, que desenvolvi nos últimos cinco anos para capacitar pessoas a se apresentarem com maior desenvoltura, confiança e autenticidade. A ideia de transformar essa pesquisa em um livro surgiu após



a conclusão do meu trabalho de curso, quando apresentei meus resultados. As considerações do meu orientador, da banca avaliadora e dos alunos que participaram do projeto, relatando os benefícios obtidos a partir da prática, me inspiraram a escrever e publicar o livro. Assim, busquei compartilhar esse conhecimento para que mais pessoas possam se beneficiar das práticas do protocolo diário ‘O Despertar da Voz’.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Bárbara Zampol: O processo de criação do livro foi guiado por três desejos fundamentais. O primeiro foi apresentar o tema de maneira aprofundada, integrando toda a fundamentação teórica e neurocientífica que desenvolvi durante minha pesquisa na pós-graduação em Neurociências e Comportamento. O segundo desejo foi fornecer um passo a passo claro do protocolo diário ‘O Despertar da Voz’, permitindo que o leitor não apenas aprenda, mas também pratique as oito técnicas que o compõem e, assim, colha os benefícios dessa prática. Por fim, o terceiro desejo foi tornar a leitura leve e dinâmica, quase como um diálogo com o leitor, por meio da partilha de histórias pessoais e relatos de alunos e praticantes do protocolo, intercalados com momentos de pausa e reflexão. Para isso, me inspirei em autores que conseguem unir teoria e prática com maestria, utilizando o storytelling de forma eficaz. Entre eles, destaco Daniel Goleman, autor de ‘Inteligência Emocional’, e Mark Williams e Danny Penman, conhecidos por suas obras sobre Atenção Plena. Esses autores serviram como referência para a construção do meu livro, inspirando-me a transmitir conceitos complexos de maneira acessível e envolvente.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente

para os nossos leitores?

Bárbara Zampol: Claro! Compartilharei um trecho do prólogo:

Antes de tudo, inspire e expire profundamente, sentindo o milagre da vida que se renova dentro e fora de você, a cada respiração. Então, repouse sua mão sobre o peito e conecte-se ao pulsar da vida, na frequência do seu coração. E com as pontas dos dedos, massageie suavemente seu pescoço, rosto e lábios — o portal da voz — enquanto responde para si mesmo à seguinte reflexão: Como está a sua voz hoje? Talvez você sinta a sua voz adormecida. Aquela sensação de que suas palavras estão presas, esperando para serem libertas, mas o medo e a insegurança as mantêm reféns. Saiba que você não está sozinho. Muitas pessoas passam por isso. Preocupadas em corresponder às expectativas alheias e temerosas de receber críticas, muitas hesitam, duvidam de si mesmas, calam suas opiniões, suprimem suas emoções e, conseqüentemente, aprisionam e adormecem a própria voz. Eu quero contar a você que “Sim, é possível despertar essa voz. Libertá-la, encorajá-la e usá-la para viver uma vida mais autêntica e significativa”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para



adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Bárbara Zampol: O livro está disponível na plataforma Hotmart, e convido o leitor interessado a adquiri-lo através do seguinte link; <https://barbara-zampol.kpages.online/o-despertar-da-voz-aa3e4399-3174-46bd-b0db-a297d744efec> Além disso, convido os leitores a conhecerem mais sobre mim e meu trabalho através do Instagram @barbarazampol e do meu site www.voceprotagonista.art.br

Conexão Literatura: Como você

analisa a questão da leitura no Brasil?

Bárbara Zampol: A leitura desempenha um papel fundamental na formação cultural e no desenvolvimento pessoal, mas existem desafios significativos, como o acesso à literatura e a promoção da leitura entre diferentes públicos. Acredito que iniciativas que incentivam a leitura, como clubes de livros, feiras literárias e programas de incentivo nas escolas, são essenciais para promover uma cultura leitora mais robusta. Estou animada para aprender mais sobre esse tema e contribuir de alguma forma com o meu trabalho.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Bárbara Zampol: Sim, estou atualmente trabalhando em novos projetos para expandir o conhecimento oferecido no livro 'O Despertar da Voz'. Estou em produção de novas abordagens que incluirão workshops e palestras, permitindo que o conteúdo seja acessado de maneiras diversificadas, atendendo a diferentes públicos. Além disso, estou desenvolvendo a versão em áudio do livro, o audiolivro, e também uma versão digital. Essas iniciativas visam tornar a aquisição do livro ainda mais acessível e prática para todos.

Conexão Literatura: Você é fundadora

do Programa Você Protagonista, poderia nos contar sobre este trabalho?

Bárbara Zampol: O Programa Você Protagonista desenvolve os Três Pilares da Comunicação: Conhecimento, Habilidade e Confiança, através de capacitações e mentoria. Cada etapa é desenhada para que o participante, de forma individual e no seu próprio ritmo, aprofunde seu conhecimento, aperfeiçoe suas habilidades e fortaleça sua autoconfiança, de forma genuína e duradoura.

Perguntas rápidas:

Um livro: Hamlet, de William Shakespeare

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

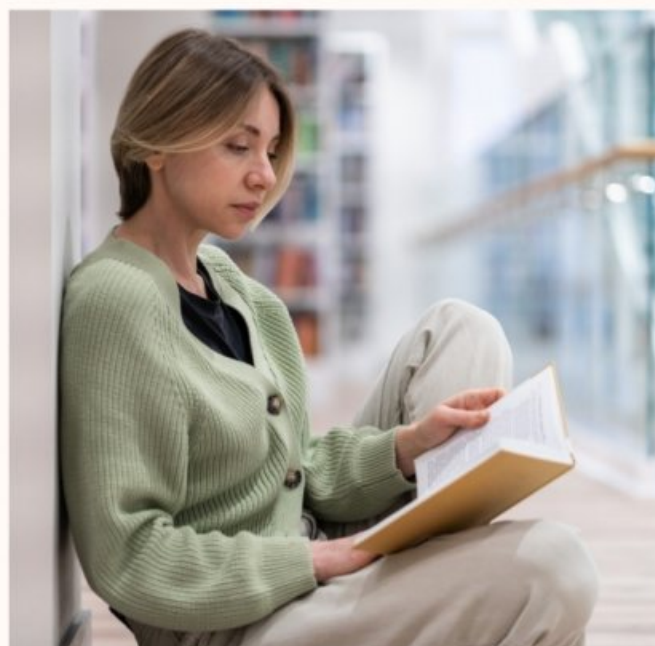
Um filme: Brilho eterno de uma mente sem lembranças

Um hobby: viajar em família e passear com nossos cães, Simbad e Vitoria (Tica)

Um dia especial: o dia do nascimento do meu filho, Vitorio

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Bárbara Zampol: Gostaria de me colocar a disposição para ajudar àqueles que se sentem inseguros com sua comunicação, e compartilhar uma emocionante passagem do livro “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo”, de Charlie Mackezy, em que o menino, enquanto cavalga entusiasmado, se desequilibra e escorrega para dentro de um rio. Neste momento, o cavalo vai ajudá-lo e diz: “Todo mundo sente medo, mas juntos somos corajosos”. Após se recuperar, o menino pergunta ao cavalo: “Qual é a coisa mais corajosa que você já disse?” “Socorro” — responde o cavalo. Intrigado, indaga o menino: “Quando você se sentiu mais forte?” “Quando tive coragem de mostrar minhas fraquezas. Pedir ajuda não é a mesma coisa que desistir — afirma o cavalo — é se recusar a desistir”.



Entrevista exclusiva com Cristina Aldenora

POR ADEMIR PASCALE

Cristina Aldenora - Foto Divulgação



Cristina Aldenora é Psicóloga Clínica desde 2001, com especialidade avançada em Psicoterapia. Membro da Ordem dos Psicólogos Portugueses e Sócia Efectiva da Sociedade Portuguesa de Psicodrama. Apaixonada por estudar, a sua formação abrange áreas diversas como o Psicodrama Moreano, a Bioética, a Acupuntura.

A sua participação em vários retiros de treino da mente orientados por Monges Budistas Tibetanos, marcou profundamente sua visão de vida, ensinando-a que de nada nos serve uma mente brilhante se não soubermos sentir o coração.

Hoje, Cristina ajuda outras pessoas a descobrirem sua própria voz, libertando-se do que as esgota e cultivando uma vida mais criativa, autêntica e alinhada com o que escolhem SER.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Cristina Aldenora: Meu início no universo da escrita literária não teve um plano — teve um despertar.

Durante um período de férias no Algarve, em Portugal, tirei um tempo, como de costume, para refletir sobre os passos que queria dar no ano seguinte. Eu vinha tentando perceber o que faria a seguir — mais consultas, algum novo curso, talvez outro projeto. Mas, no fundo, eu já intuía que não queria apenas fazer mais uma coisa — eu precisava que o ser estivesse presente no que eu fizesse.

Foi nesse contexto que, numa manhã de bicicleta pela Ria Formosa com meu marido, cruzamos com um ciclista espanhol que fazia o percurso da EuroVelo. Pedalamos juntos por cerca de 30 quilômetros, e no final, ele nos presenteou com uma pulseira que dizia: "O caminho é a meta."

Essa frase me atravessou. Foi como se o universo me perguntasse: "Você está mesmo trilhando o seu caminho? Ou está apenas girando em círculos, ocupando-se com mais alguma coisa?"

Poucos dias depois, voltando ao Porto, partilhei essa história com uma amiga durante um passeio de bicicleta, e ela disse: "Cris, você devia escrever um livro. Mas não um livro qualquer... um livro que a gente também pudesse escrever junto com você."

Aquela semente ficou. E foi germinando. Participei de uma oficina de escrita com Pedro Chagas Freitas, mergulhei num processo criativo que já pulsava em mim há algum tempo — e o livro nasceu.

Não nasceu da técnica. Nasceu da escuta. Da coragem de parar e permitir que algo verdadeiro emergisse. Escrever foi a coragem de me escolher. Um reencontro comigo mesma — e um convite para que outros também se reencontrem.

Então, posso dizer que meu começo na literatura foi, na verdade, um retorno. Um retorno para casa. Para dentro.

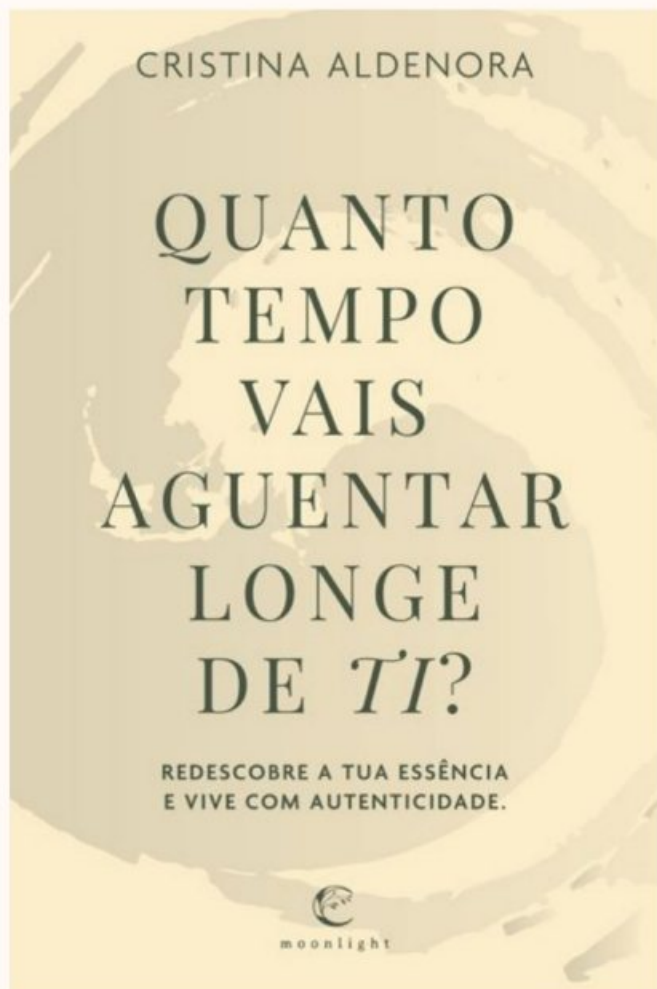
Conexão Literatura: Você é coautora do livro "Prazer em Escrever" Guia para



escritores iniciantes" e do livro "Quanto tempo vais aguentar longe de Ti? Volta para ti", poderia comentar?

Cristina Aldenora: Esses dois livros são, para mim, como espelhos. Não porque tragam verdades absolutas, mas porque convidam o leitor a se ver com mais profundidade — e, às vezes, com mais ternura também.

O primeiro, "Quanto tempo vais aguentar longe de ti?", nasceu de uma inquietação que já morava em mim havia algum tempo — e que eu também percebia no mundo à minha volta: o foco excessivo no fazer. Uma mente conectada às obrigações, ao stress, à



ansiedade, ao esgotamento. Quando recebi, de forma inesperada, uma pulseira com a frase “O caminho é a meta”, algo em mim despertou. Recordei uma verdade que sabia mas que me tinha esquecido. Entendi que mais do que correr atrás de algo, o que eu realmente precisava era voltar para dentro. Esse livro é justamente esse convite: uma travessia da mente para o coração, do fazer automático para o ser presente.

Já o “Volta para ti” veio como uma continuação natural dessa jornada. Um aprofundamento. Um lembrete de que reconectar-se com a própria verdade exige coragem. E que escolher-se não é um ato de egoísmo

— é o primeiro passo para viver com autenticidade e responsabilidade pelo tempo de vida. Foi a partir dessa vivência que criei o Método VOA, que ajuda o leitor a fazer seu próprio caminho em direção a uma vida mais leve, verdadeira e com sentido.

Cada um desses livros nasceu num momento de escuta. E o Prazer em Escrever foi, para mim, uma celebração dessa escuta transformada em palavras. Escrever me deu coragem para me escolher e, sobretudo, a sensação de que me encontrei com o tempo. Cada palavra foi escrita com intenção de tocar — não de ensinar.

Minha vontade é que cada leitor possa despertar em si a sua própria sabedoria interior — lembrando que a vida agitada, muitas vezes, não permite a escuta.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Cristina Aldenora: Meu processo de criação é muito orgânico... e muito vivo. Ele não acontece num horário fixo ou num lugar pré-definido. Ele acontece quando a vida me chama, não começa quando me sento para escrever. Começa muito antes. Começa quando algo me toca — uma conversa, uma paisagem, uma inquietação. Escrever, para mim, é escutar o invisível. É dar forma a uma sensação que ainda não tem nome.

Muitas vezes, tudo começa com uma pergunta daquelas que incomodam de forma suave, mas persistente. Outras vezes, é uma metáfora, uma imagem que surge e me conduz.

Minhas maiores inspirações são a natureza, os ciclos, o silêncio, o comportamento humano, a espiritualidade, os encontros — e tudo o que ainda me falta compreender em mim. As histórias reais com as quais me cruzo — nas consultas ou na vida — também me atravessam profundamente.

Escrevo porque estou em travessia. Porque também estou tentando entender. Não escrevo para ensinar. Escrevo para iluminar o caminho que eu mesma estou percorrendo. Escrever, pra mim, é um retorno — um lugar onde posso ser inteira. Sem pressa.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Cristina Aldenora:

Trecho:

“De nada adianta ter uma mente brilhante se não souberes sentir o teu coração.”

Esse é, talvez, o coração do livro. Sempre fui muito mental — organizada, focada, comprometida com tudo, a tentar ser perfeita. Mas o

que me faltava era coragem para escutar o que o meu coração já sabia. Essa frase nasceu num momento de exaustão silenciosa. Um dia em que percebi que fazia tudo “certo”, mas sentia muito pouco de verdade. Quando escrevi isso, foi como um lembrete: a inteligência emocional é também permitir-se sentir. Sentir sem culpa. Sentir com presença. E permitir-nos partilhar o que está vivo dentro de nós.

“O tamanho do desafio não importa para os que vivem com calma.”

Essa frase resume a essência do Método VOA. Porque muitas vezes não é o desafio que nos consome — é a forma como estamos nele. E se aprendermos a caminhar com mais calma, com mais alinhamento entre o que sentimos e o que fazemos, o caminho transforma-se.

Viver com calma não é viver devagar, é viver com verdade. Com presença, com confiança absoluta no processo da vida. É viver com vontade de renovação constante.

“Quanto tempo vais aguentar longe de ti?”

Essa pergunta não é só o título do livro. É uma pergunta que eu mesma me fiz. E que hoje faço a quem me lê. Porque muitas vezes vivemos tão desconectados da gente... que já nem

percebemos que estamos longe. Longe da nossa verdade, da nossa alegria, dos nossos sonhos e do que importa para nós. E essa distância dói — mesmo quando tudo parece estar bem por fora. Mesmo quando parece que construímos uma vida perfeita e conquistamos o que era esperado para ser feliz. Esse trecho é um convite. Para parar. Respirar. E voltar. Voltar pra si, com gentileza, com coragem, e com amor.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

No Instagram (@cristinaaldenorapsicologa), partilho conteúdos quase todos os dias: reflexões sobre burnout, vídeos que trazem calma, pequenos trechos do livro lidos com o coração.

Também tenho uma newsletter onde escrevo como se fosse uma carta — íntima, lenta, com cheiro de café passado. E há um webinar no site, para quem quiser escutar mais fundo e entender de onde tudo isso nasceu. É mais do que um livro. É um caminho de volta para si.”

Cristina Aldenora: pode me encontrar nas redes sociais @cristinaaldenorapsicologa

Youtube: cristinaaldenora e LinkedIn Cristina Aldenora



www.cristinaaldenorapsicologa.pt
Quanto tempo vais aguentar longe de ti?
Busca na Livraria Ipê das Letras
<https://share.google/zEowoxpqLXW6Xzgs9>

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura em Portugal?

Cristina Aldenora: “Portugal tem uma relação antiga com os livros — mas nem sempre tem tempo para os abrir. Cresci ouvindo que ler era importante. Mas também vi muita gente à minha volta dizer: ‘Depois eu leio’, ‘Agora não dá’, ‘Quando tiver tempo’. E o tempo nunca vem.

O que percebo é que há um cansaço generalizado que impede que as pessoas leiam com calma. Por isso, quando escrevi o meu livro, pensei muito nisso: como criar uma leitura que não exija pressa, nem obrigação? Que possa ser feita de forma sensível, aos poucos, como quem conversa com alguém que escuta de verdade.

A leitura em Portugal precisa de mais permissão emocional. E é isso que tento oferecer, quando convido o leitor a responder a algumas perguntas e ficar um minuto mais consciente com pequenas pausas de reflexão e meditação.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Cristina Aldenora: Sim, há novos projetos... ou melhor, movimentos. Porque às vezes, os projetos começam por dentro, em silêncio, antes de se tornarem algo visível.

Depois do livro, nasceu em mim uma vontade de criar mais do que palavras no papel — espaços vivos. Espaços onde possamos não só ler, mas sentir. Respirar juntas. Pausar.

Por isso, estou a preparar uma série de círculos de escuta online, com partilhas guiadas, meditações e exercícios inspirados no Método VOA. São encontros pensados para quem quer aprofundar o reencontro consigo mesma, com leveza e verdade.

E há uma nova escrita a crescer... talvez

um novo livro, talvez uma continuação simbólica do primeiro. Mas sem pressa. A minha prioridade é que cada projeto que nasça... tenha alma.”

Perguntas rápidas:

Um livro: Mulheres que correm com os lobos, de Clarissa Pinkola Estés.

Porque devolveu-me o instinto e o ritmo do meu feminino.

Um ator ou atriz: Viola Davis. Pela forma como ela entrega tudo, com dignidade e dor misturadas. Ela tem uma verdade que me emociona.

Um filme: Tão diferentes quanto eu

Um hobby: velejar

Um dia especial: Aquele passeio de bicicleta em que recebi a pulseira com a frase “O caminho é a meta”.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Cristina Aldenora: Acredito que a escrita é uma forma de cuidar — de mim, do outro, do mundo. Com esse livro, quis criar um espaço de pausa, de reencontro e de verdade. Se cada leitor terminar a leitura com mais vontade de voltar para si e viver com mais autenticidade, então já terá valido a pena. Agradeço imensamente à Conexão Literatura pelo convite e pelo espaço tão generoso para compartilhar um pouco dessa jornada. E a você que está lendo: que a vida te devolva ao seu centro sempre que você se perder. Porque voltar pra si... é sempre possível.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL. IX

E-BOOK



POEMAS SOBRE O TEMPO

Vol. IX

Selo Conexão Literatura

**ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR**

saiba mais: [clique aqui](#)

Entrevista com Fénelon Tartari, autor do livro de ficção distópica “Verty Society – Vol. 1”

POR ADEMIR PASCALE



Fénelon Tartari – Foto Divulgação

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fénelon Tartari: Iniciei na escrita aos nove anos escrevendo poesias e rimas. Com o tempo fui me interessando cada vez mais pela ficção, até realizar a oficina literária “O Futuro do lado de cá” com o escritor e professor Rodrigo Acioli em 2022. Desde então, não paro de escrever.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Verty Society - Era Traidário - volume 1”, poderia comentar?

Fénelon Tartari: Verty Society, meu primeiro romance de ficção distópica, nasceu durante a oficina de escrita do Rodrigo Acioli em 2022. O objetivo era escrever um

conto com elementos de ficção e distopia. Porém, eu não conseguia parar de escrever, e foi aí que o meu livro nasceu. Acredito que a oficina me proporcionou além da técnica da escrita e muita imersão literária, um solavanco para que eu pudesse exacerbar através da ficção e fantasia, um desabafo interno que há anos tinha vontade de colocar para fora. Dessa forma, considero que minha obra, apesar de todo mundo lúdico o qual criei de uma sociedade no futuro, é também uma severa crítica à nossa sociedade.

Trata-se de um manifesto literário em prol da diversidade, da inclusão e da liberdade.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Fénelon Tartari: Meu processo criativo é orgânico, fluido. Mesmo escrevendo ficção, minhas inspirações vêm do dia a dia; vivências, aprendizados e acontecimentos da vida. Sonhos também são influenciadores constantes na minha escrita.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Fénelon Tartari:

“Como ela não conseguia ser como as outras meninas? Leve e sentir-se bem como elas? O que havia de tão estranho dentro de si, a ponto de sentir-se tão diferente? Ou, melhor dizendo, o que fazia com que Shell não se sentisse pertencente ao próprio corpo divino que lhe fora dado? Dentro de sua cabeça era como se duas Shells habitassem o mesmo lugar. Uma era sua alma, que ela amava e respeitava. A outra era o seu corpo, que deveria ser seu templo, mas não passava de um tormento, algo de que ela não se sentia parte, um verdadeiro peso, no qual não conseguia se identificar toda vez que se olhava no espelho; tinha nojo, asco, até mesmo pavor de se olhar, pois não era quem ela era, ou melhor, não era quem sentia que realmente era, em sua verdadeira



essência. Por que seu corpo não refletia a verdadeira imagem de seu âmago?

Shell não sabia, mas era por isso que ela não dava a mínima para o seu corpo e não queria se exercitar e, assim, conforme foi crescendo, ia cada vez mais tendo desprezo por um corpo do qual não se sentia parte. Há cada ano Shell ficava cada vez mais sedentária e preguiçosa, ficando trancafiada em seu quarto a maior parte do tempo. Imersa em seus livros, que eram a única coisa que preenchia de certa forma sua alma masculina.”

Conexão Literatura: Como o leitor

interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fénelon Tartari: Verty Society está disponível na Amazon (<https://www.amazon.com.br/Verty-Society-Vol-Era-Traid%C3%A1rio/dp/6556258628/>) nas versões físicas e ebook.

Também está disponível nas livrarias físicas em São Paulo - Martins Fontes, Drumond, Livraria da Vila, Loyola e em breve em algumas outras do Brasil.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Fénelon Tartari: No Brasil, apenas 52% da população se declara leitora, com uma média anual de 4,9 livros por pessoa, dos quais apenas 2,5 são por vontade própria. A alfabetização funcional plena atinge só 12% dos adultos, evidenciando dificuldades de compreensão crítica. Fatores como falta de tempo e desinteresse, influenciado pelas redes sociais e o uso exacerbado do celular limitam o hábito, agravados pelo acesso desigual ao livro e à educação de qualidade. A leitura ainda é vista como obrigação escolar, e não como prática cultural, refletindo um país que lê pouco e interpreta menos. É fundamental termos políticas

contínuas e inclusão social efetiva. De toda forma, grandes eventos literários como a Bienal, Feira do Livro e outros tem sido fundamentais para difundirmos e incentivarmos a leitura no país, especialmente para o público jovem.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fénelon Tartari: No momento estou escrevendo o volume II de Verty Society e também com outros projetos relacionados a dramaturgia, que em breve divulgarei.

Perguntas rápidas:

Um livro: “O retrato de Dorian Gray – Oscar Wilde”

Um ator ou atriz: “Cate Blanchett”

Um filme: “Me Chame Pelo Seu Nome (2017), de Luca Guadagnino”

Um hobby: “Cinema na madrugada”

Um dia especial: “O lançamento do meu livro Verty Society, a realização de um sonho após três anos de gestação” :)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fénelon Tartari: Gostaria de mais uma vez dizer que Verty Society é um manifesto em prol da diversidade, da inclusão e da liberdade. Dedico minha obra à minha querida mãe Jocely Tartari, que foi uma artista e sempre me apoiou nos meus sonhos, e a todas pessoas diversas, que assim como eu, ajudam a deixar o mundo mais plural.



Entrevista exclusiva com Manoel Amador

POR ADEMIR PASCALE

Manoel Amador - Foto Divulgação



Manoel Amador é licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e atua como professor há 25 anos nos anos iniciais do ensino fundamental, com experiências em escolas da zona rural e urbana do município de São Tomé/RN. Atualmente, exerce a docência na Escola Municipal José Euzébio Fernandes Bezerra, onde desenvolve práticas fundamentadas no ensino desenvolvimental e voltadas à alfabetização de crianças com defasagem em leitura e escrita. Paralelamente, exerce a função de

coordenador pedagógico do ensino médio na Escola Estadual Amaro Cavalcante. Foi secretário municipal de educação e possui trajetória no movimento sindical, com atuação voltada à defesa da escola pública e à valorização do magistério. É autor da obra Alfabetização de Crianças.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

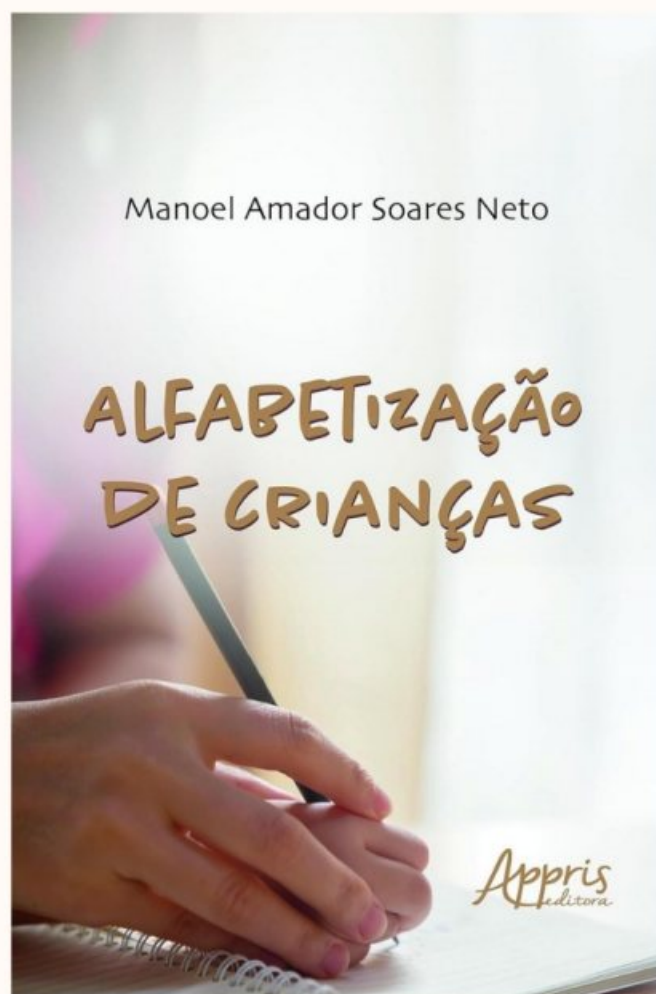
Manoel Amador: Percebi que muitas das ideias, reflexões e práticas que desenvolvi ao longo da minha trajetória como professor e coordenador pedagógico frequentemente apareciam, posteriormente, nas análises de especialistas e estudiosos da educação. Essa constatação me motivou a sistematizar minhas próprias contribuições, com foco específico no processo de alfabetização. No caso desta obra, acredito que ela reúne elementos de originalidade e pode oferecer aportes relevantes para a elevação da qualidade da alfabetização, especialmente nas escolas públicas brasileiras.

Conexão Literatura: Você é autor do livro Alfabetização de Crianças. Poderia comentar?

Manoel Amador: O livro parte da premissa de que, quando as ações corretivas são implementadas no tempo oportuno – com gestão eficiente, apoio ao professor, e ajustes metodológicos e pedagógicos – é plenamente possível alcançar a meta de alfabetizar todas as crianças no período adequado. No entanto, é fundamental compreender que esse objetivo não será atingido apenas com o esforço de professores e professoras. A formação docente, por si só, não é suficiente para resolver o problema, diante da multiplicidade de fatores que interferem nesse processo. A alfabetização, como se sabe, é um processo complexo, influenciado por uma série de variáveis e condicionantes internos e externos à escola, que impactam diretamente os resultados.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Manoel Amador: Meu processo de criação ocorre, geralmente, em duas etapas complementares. No primeiro momento, surgem os insights – ideias que emergem da vivência, da escuta atenta, da observação cotidiana e, sobretudo, da leitura. Em seguida, procuro registrar essas ideias por meio de anotações, que posteriormente são sistematizadas com base em reflexões mais



aprofundadas e fundamentadas. Minhas inspirações derivam, em grande parte, de situações concretas vivenciadas no cotidiano escolar, articuladas a processos internos de elaboração crítica. Nesse contexto, a motivação principal deste livro surge da constatação de que muitas crianças ainda chegam aos 4º e 5º anos do ensino fundamental sem estarem alfabetizadas, o que gera, em nós, educadores, um sentimento de angústia diante da ausência de condições adequadas para garantir melhores resultados.

Conexão Literatura: Poderia destacar

um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Manoel Amador: Há uma citação no livro de José Carlos Cagliari que considero emblemática e que reforça a tese central desta obra — a de que é possível, sim, alfabetizar nossas crianças com mais rapidez, desde que existam estratégias adequadas, condições institucionais e compromisso coletivo. Afirmo Cagliari: “[...] nos primórdios, antes da criação da escola pública, a educação era feita de forma individual e/ou, eventualmente, em pequenos grupos, e os professores conseguiam alfabetizar os alunos. Com o surgimento das escolas públicas, aquilo que era feito individualmente passou a ser feito de forma coletiva, exigindo mais recursos, tempo e um ambiente propício para o ensino da leitura e da escrita.” Para o autor, o currículo, os horários e as cartilhas surgiram para garantir que esse processo ocorresse de forma mais lenta, a fim de que o professor não ficasse sem trabalho durante o ano — era preciso alfabetizar gradualmente.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Manoel Amador: O livro Alfabetização

de Crianças já está disponível para venda em livrarias físicas e nas principais plataformas digitais.

Amazon:

<https://www.amazon.com.br/s?k=9786525077833&i=digital-text>

Play

Google:

<https://play.google.com/store/books/details?id=4W9oEQAAQBAJ&gl=br>

Kobo:

<https://www.kobo.com/br/pt/ebook/alfabetizacao-de-criancas>

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Manoel Amador: Os dados da última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revelam um cenário bastante desafiador e reforçam que ainda há um longo caminho a ser percorrido no que se refere à formação de leitores em nosso país. Embora as pessoas estejam lendo com mais frequência em redes sociais e ambientes digitais, o grande desafio consiste em promover o deslocamento para práticas de leitura mais densas, críticas e formativas. Nesse contexto, torna-se fundamental estimular o gosto pela leitura desde a escola, no ambiente familiar e por meio de outros espaços comunitários — como bibliotecas públicas, etc. Além disso, são indispensáveis políticas consistentes de incentivo ao livro — ampliando as estratégias de ampliação do acesso e

a redução dos preços —, que contribuam para democratizar a leitura em nosso país.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Manoel Amador: Sim. No futuro, pretendo aprofundar as ideias apresentadas no capítulo final do livro, expandindo-as em uma nova obra. A proposta é desenvolver, com maior detalhamento, as ações pedagógicas, as estratégias de gestão e seus respectivos fundamentos teóricos, todos voltados à garantia do direito à alfabetização de todas as crianças.

Conexão Literatura: Perguntas rápidas.

Um livro: AlfaLetrar – Magda Soares

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Central do Brasil

Um hobby: ler

Um dia especial: O dia em que todas as crianças forem declaradas alfabetizadas

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário

Manoel Amador: Acredito na potência da educação brasileira — na dedicação dos seus profissionais, no desejo das famílias de verem seus filhos bem educados e na boa intenção dos

gestores públicos. Por isso, defendo que todas as crianças podem ser alfabetizadas com maior celeridade, desde que haja condições adequadas, compromisso coletivo e ações pedagógicas orientadas de forma sistemática e intencional, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental, com foco claro nesse objetivo.



Entrevista exclusiva com Urbano Sertão

POR ADEMIR PASCALE

Urbano Sertão - Foto Divulgação



Urbano Sertão é um poeta popular que nasceu na região de Brejo Santo, interior do Ceará. Começou a escrever em 2018 pequenos poemas e histórias em cordel, passando depois a escrever contos. Começou a publicar seus escritos no site O Pensador, passando também a publicar no Recanto das Letras e Autores.com.br, mantendo o perfil no Instagram: @poeta.urbanosertao e Facebook: Urbano Sertão. Com poemas em oito antologias e coletâneas, o poeta escreve sobre o sertão, o amor e a vida. Publicou o livro “Poemas do Sertão, Amor e Vida” em julho de 2025.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Urbano Sertão: Em 2018 eu tive um ano atípico, parecia que a minha mente funcionava plenamente e eu passava o dia criando frases e histórias que comecei a anotar. Como a estrutura que eu conhecia era o cordel, comecei com poemas e histórias no formato de cordel. Depois passei a escrever contos e prosa poética, que eu lia muito na infância e adolescência, e acabei experimentando escrever crônicas, sonetos, trovas e microcontos.

Conexão Literatura: Como conheceu o cordel, um dos gêneros responsáveis por sua escrita?

Urbano Sertão: Meu pai era um amante de cordel e recitava alguns de cor para nos divertir. Quando ele chegava de viagem, sempre trazia folhetos de cordel para nós, que eram admirados e relidos várias vezes.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Poemas do sertão, amor e vida", poderia comentar?

Urbano Sertão: Sertão, amor e vida foram os temas que inundaram minha imaginação, e que saíam fluentemente da minha escrita. Este livro é uma coleção dos poemas que achei mais interessante e que refletem a minha personalidade literária.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Urbano Sertão: É bastante variado, já escrevi cordéis e contos em alguns minutos, poemas para antologias também, mas também já estruturei a sinopse para depois lapidar, alguns escritos demoraram dias e mantenho rascunhos até hoje inacabados. Minhas inspirações são minha infância no sertão, os livros que li até a juventude e os causos que ouvi de meus avós, meus pais e amigos.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Urbano Sertão:
Mas tudo que tem raiz demora pra se acabar
O que tem dentro da gente não para de germinar
Como a chuva de janeiro desaguando no torrão
No meu peito, igual enchente
Vou lembrando a minha gente
E o meu querido sertão.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para

adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Urbano Sertão: Publiquei pela Amazon (e-book e livro físico), e pela Uiclap (livro). E estou fazendo divulgação nos meus perfis literários nas redes sociais. O leitor pode me conhecer melhor no meu blog do Substack: <https://urbanosertao.substack.com/> , e para adquirir o livro: <https://loja.uiclap.com/titulo/ua106259/>

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Urbano Sertão: Nem todos gostam de ler. A mídia fala atualmente em queda no número de leitores brasileiros. Mas quem encontra o caminho da literatura encontra um professor para a sua vida, que tem a qualidade significativamente enriquecida com o conhecimento e cultura.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Urbano Sertão: Sim, tenho um livro de contos em concurso literário com resultado provável para setembro e a idealização de mais um livro que está no começo, mas tem uma boa estrutura.

Conexão Literatura: Qual o seu sonho

para o futuro?

Urbano Sertão: Continuar escrevendo, e manter minha vida com simplicidade e focada na família e na fé.

Perguntas rápidas:

Um livro: a Bíblia

Um ator ou atriz: Charlize Theron, no momento.

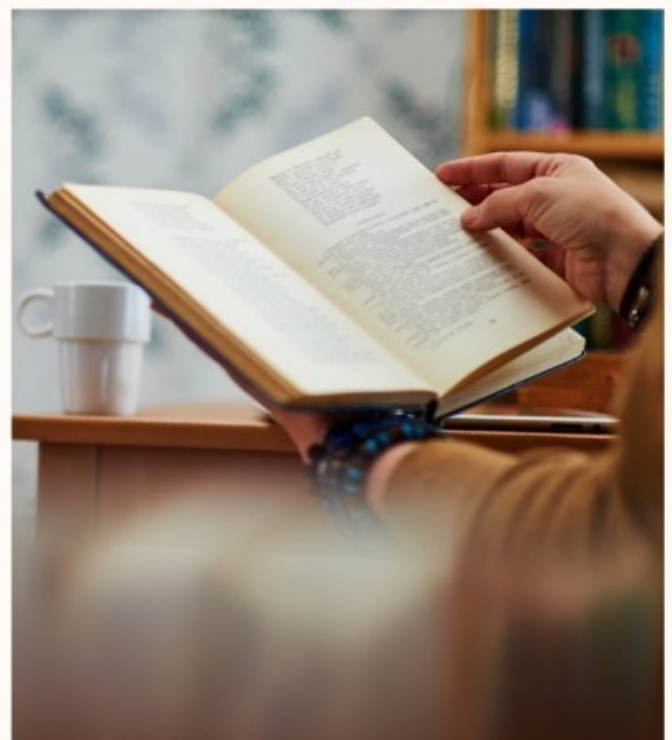
Um filme: Forrest Gump - O Contador de Histórias

Um hobby: música

Um dia especial: Para mim são todos.

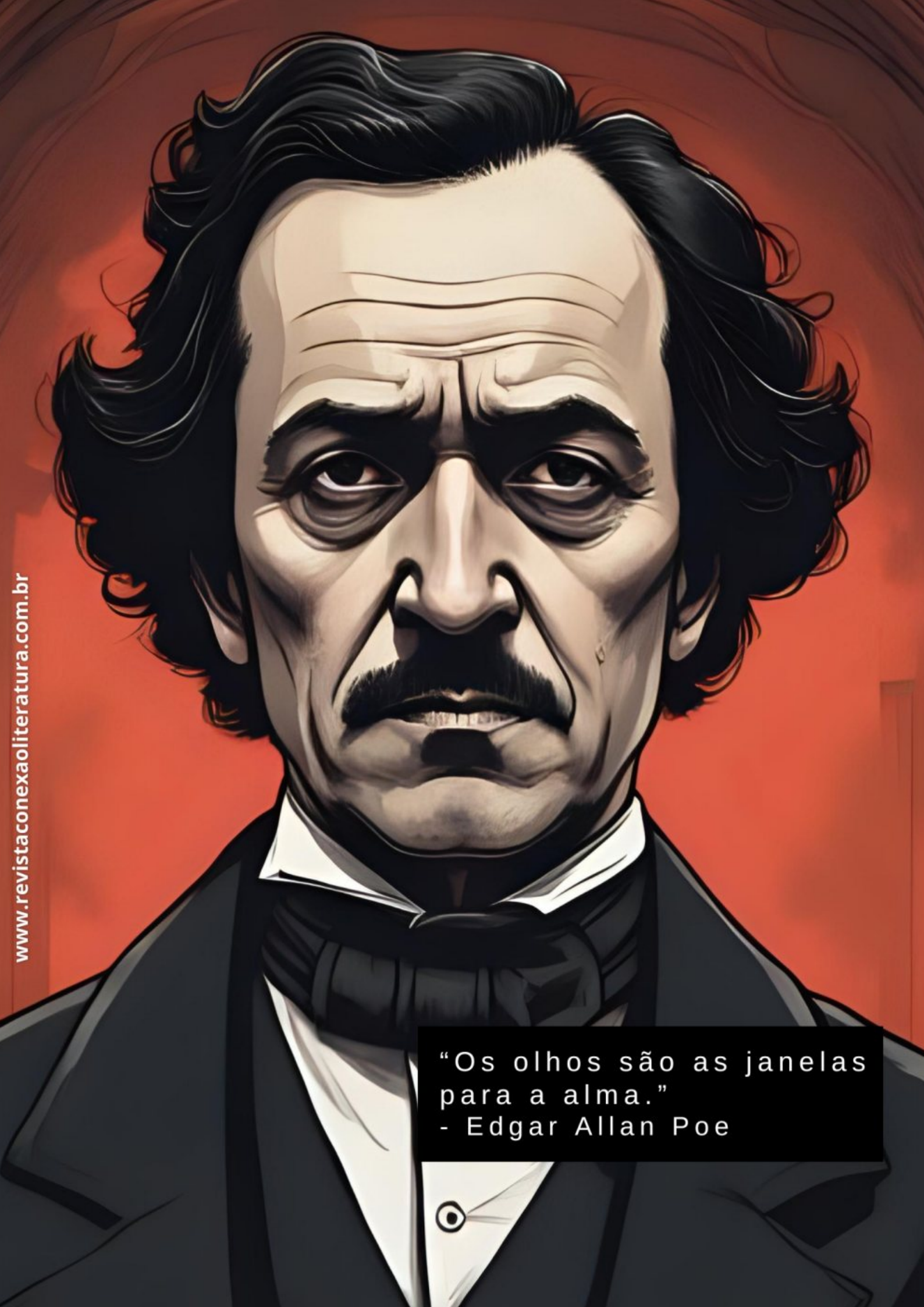
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Urbano Sertão: Me sigam no Instagram e Facebook, tem muita coisa boa postada por lá.





Citações de Grandes Autores



“Os olhos são as janelas
para a alma.”
- Edgar Allan Poe



“Homem livre, tu sempre
gostarás do mar.”
- Charles Baudelaire



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO

SOB AS CINZAS DO INFINITO

UM CONTO HISTÓRICO-FILOSÓFICO SOBRE GIORDANO BRUNO

Parte I – O Chamado às Trevas

— Eu pedi para que você não viesse. Mas você, Bruno... sempre tão teimoso.

Lembro-me da primeira vez em que ouvi seu nome.

Um frade desertor.

Um herege de palavras sedosas, olhos negros e ideias ainda mais sombrias.

Ainda assim, algo em mim — curiosidade ou presunção — fez com que eu insistisse em encontrá-lo.

Agora compreendo: minha alma já se agitava muito antes de vê-lo.

Você era a tempestade que eu havia rezado para evitar.

Mesmo em vida, você foi uma pedra no meu sapato, Giordano.

Você e alguns fiéis — discípulos, como Torquemada — fizeram inúmeras vítimas.

Assim como Pizarro e seus chicotes de sangue, causaram dor em nome de uma fé que jamais foi amor, mas domínio.

No entanto, hoje eu precisava vir.

Afinal, seus assombros já não me incomodam.

Eles me moldam.

Devo reconhecer: há coragem em desafiar o poder das trevas.

Mas saiba... aqui, onde agora estou, acompanham-me muitas almas que gritam desesperadas por piedade.

Você será apenas mais uma a padecer — por diferentes tipologias de dor.

Ou talvez... não!

Eu servi a Deus, quando ainda acreditava que a Inquisição era um instrumento de salvação, e não de condenação.

Hoje entendo: ela se tornou seu oposto — um símbolo das trevas.

E nós, apenas seus sacerdotes cegos.

Parte II – O Julgamento e a Resistência

A sala do tribunal era fria, mesmo no verão.

Na Torre de Nona, o ar cheirava a mofo e confissão.

E ali estava ele: Giordano Bruno — dominicano, filósofo, desertor, pensador herético.

O tribunal o acusava de oito heresias formais: negar a Trindade, afirmar a infinitude do universo, defender mundos habitados, propor a transmigração da alma e — o mais grave — conceber Deus não como um criador separado, mas imanente em tudo.

— Giordano Bruno — li em voz alta —, foste chamado à Santa Inquisição para responder por doutrinas contrárias à fé. Negas a natureza da alma, os sacramentos e a encarnação de Cristo...

Ele me interrompeu:

— E por acreditar que Deus é grande demais para se limitar a um único céu. Que crime cometo, senão imaginar o Infinito?

Sua serenidade me desarmava.

Os outros réus tremiam.

Ele?

Quase meditava.

Durante meses, buscamos brechas.

Mas cada palavra dele era um universo.

Cada recuo, uma estratégia.

Cada silêncio, um grito filosófico.

Oferecemos-lhe a abjuração.

Oferecemos-lhe a vida.

Bastava renunciar.

Ele hesitava.

Depois resistia.

E, por fim, resistia ainda mais.

— Eu me retratarei — disse certa vez — se o Papa declarar oficialmente que minhas visões são contrárias à razão divina.

Ironia.

Bruno sabia: o que dizia não era irracional — era insuportável para o poder.

Parte III – Campo de' Fiori e o Desespero que Ecoa

08 de fevereiro de 1600

A sentença final: herege obstinado, impenitente, condenado à morte.

— Talvez o vosso temor ao me condenar seja maior do que o meu ao ser condenado.

Foram suas últimas palavras audíveis.

Em seguida, silenciaram-no com ferro — uma mordaca selou sua boca, para que nem a morte lhe servisse de púlpito.

Durante nove dias, foi mantido numa cela sombria. Na última aurora, fui vê-lo.

— Algum arrependimento? — perguntei.

Ele ergueu os olhos, já vencido pelo corpo, jamais pelo espírito.

— Apenas por ter acreditado que a fé salvaria a liberdade.

O fogo que me espera é menor que o frio que vos habita.

17 de fevereiro de 1600.

Campo de' Fiori.

Multidão.

Sol cruel.

O andaime já preparado.

Bruno chegou nu, coberto por trapos.

Recusou o crucifixo oferecido. Duas vezes.

O fogo subiu como uma hóstia invertida.

E por entre as chamas, vi seus olhos.

E neles, vi a mim mesmo.

Não gritou.

Ou talvez tenha gritado, e o mundo escolheu não ouvir.

Parte IV – Reflexões Filosóficas e Ruína Interior

Depois disso, nada mais foi igual.

Minhas mãos ainda folheavam o breviário.

Minha boca ainda pronunciava as fórmulas.

Mas o espírito... esse partira com a fumaça.

Passei a estudar suas obras — com medo, no início; com paixão, depois.

Descobri nelas um Deus que não dominava, mas habitava.

Um cosmos infinito, onde cada estrela é uma centelha da divindade.

Bruno não destruiu a fé — ele a libertou do cárcere medieval.

“A fé que precisa queimar o pensamento é, ela mesma, uma heresia contra o espírito.”

As noites me traziam pesadelos.

Mas os piores eram os sonhos.

Sonhos onde Bruno caminhava livremente entre os astros, e eu era a sombra que o seguia, sem jamais alcançá-lo.

A Igreja me afastou.

Alegaram doença da mente.

Eu não contestei.

Recolhi-me a um convento em ruínas.

Lá, copieei seus textos às escondidas.

Escrevi memórias, nomes, fragmentos — como quem tenta montar, com cinzas, o rosto de Deus.

Parte V – Epílogo: Cinzas que se Tornaram Semente

Hoje, décadas depois, ergueram uma estátua em tua homenagem, Giordano.

No mesmo lugar onde queimaste, agora permaneces — pedra sobre pedra, olhos esculpidos mirando a Cúria que te condenou.

“Ainda estou aqui”, pareces dizer.

E estás.

Estás nos jovens que questionam.

Nos cientistas que ousam.

Nos poetas que olham para as estrelas e não veem limites — apenas possibilidades.

E eu... eu também fui ao Campo de' Fiori.

Capuz sobre a cabeça.

Corpo frágil, mas alma, enfim, livre.

Deixei ali um pergaminho aos teus pés.

Nele escrevi:

“Perdoa-me por ter servido ao medo.

Hoje, enfim, sirvo ao pensamento.”

"No Tribunal das Sombras: Vida e Morte de Giordano Bruno"

Na penumbra da sala onde a fé julga a razão, o homem se ergue — não com armas, mas com ideias.

Giordano Bruno, filho do cosmos e amante da eternidade, caminha entre inquisidores como quem pisa sobre brasas e estrelas.

A toga negra que o observa não vê um corpo, mas uma ameaça:
a centelha que ousa incendiar a noite da ignorância.

Ali, entre cruzes e códigos, ele fala.

Fala com a ousadia dos que não negociam o infinito.

Seu verbo é vasto, como os mundos que imagina — mundos sem fim, dançando na mente de Deus.

E cada palavra sua é uma afronta, cada visão uma heresia.

Pois o universo que abriga todos os deuses não cabe numa cela de dogmas.

“Recuas?”, perguntam os juízes, com as chamas já acesas nos olhos.

E Bruno responde com silêncio — não o da submissão, mas o da eternidade que já o reclama.

Condenaram à fogueira, como se o fogo pudesse consumir a luz.

Mas naquele 17 de fevereiro, em Campo de' Fiori, não foi um homem que queimou —

foi o medo, tentando silenciar o pensamento.

E quando a carne se fez cinza, o espírito se fez constelação.

Vida e morte, naquele instante, se confundiram como irmãos gêmeos:

uma entregando o corpo à outra,

a outra libertando a alma para sempre.

Clayton Alexandre Zocarato

Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto – SP. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias. Formado Especialista em Medicina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário – Argentina.

Email: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br

Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato/>



Quando abro um
livro, também abro
minha mente.

www.revistaconexaoliteratura.com.br

A black line drawing of a plant with several small, daisy-like flowers and leaves, located in the bottom right corner of the page.



O ARTISTA

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

Som de engasgos, um homem na cama ao lado, próximo, pigarreando. Respirações rápidas e curtas. Era essa a trilha sonora do quarto coletivo no lar de idosos, que Benjamin dividia com três anciãos em um tempo que parecia eterno, mas que provavelmente não devia superar dois meses do calendário gregoriano desde que Eduardo, seu filho mais velho, lá o deixou de mala e cuia.

Viúvo, um pouco esquecido... filhos casados, residindo em cidades distantes, um deles nos Estados Unidos da América. Não lhe restou opção: de homem independente e temperamental, sobrou-lhe apenas uma sombra, já cansada de tanto lutar. Deixou-se conduzir à “casa de repouso” como quem cede ao ataque de um urso gigantesco, cujas garras estão tão próximas que inexiste intervalo de tempo para que, ao menos, seja cogitada alguma resistência. A morte é premente e o homem velho deve abraçá-la, vencido.

A rotina existencial do estabelecimento era bastante regrada. O dia começava muito cedo. Os hóspedes ou internos, como Benjamin acreditava ser mais apropriado dizer, faziam a higiene pessoal, auxiliados por funcionários uniformizados de azul royal em tecido de brim grosso. Assemelhavam-se todos, como autômatos.

O café da manhã no refeitório coletivo não era muito convidativo, porém poderia ser classificado como “saudável”: leite desnatado, café bastante ralo e insípido, torradas, chá, pouca manteiga, absolutamente light, pedaços de frutas descascadas (mamão, melão, laranja sem sementes), geleia de maçã. O hóspede tinha também direito a uma papa com aveia, caso possuísse problemas de mastigação, fato bastante usual na população residente. E iogurtes não eram vedados se houvesse recomendação de nutricionista.

Tudo muito sistemático, organizado, higiênico e deplorável- pensava Benjamin, afogando uma torrada em uma xícara de chá mate fumegante. Ele, que sempre prezou a independência, seu espaço reservado, a inegável urgência de se precaver do ser humano, que não considerava categoria muito evoluída e inofensiva, estava ali, reduzido a um corpo que era manipulado, ordenado, detido. À espera do fim. Porque suas pernas não o sustentavam mais. Porque sua memória lhe pregava peças. A visão turva, a audição comprometida. Tratava-se de pecados que não podiam passar despercebidos aos olhares alheios, sempre à espreita.

Após a frugal refeição, escovados os dentes, atividade de asseio que era forçosamente imposta aos internos, deixou-se quedar numa cadeira posta na vasta varanda da edificação, defronte ao jardim com múltiplas espécies de plantas.

Um silêncio pesado o invadiu. A paisagem era agradável. Havia o sol e as nuances de verde nas formas sinuosas e diversificadas de vegetais. O cheiro de terra molhada, que sempre lhe fora tão agradável, estava lá. Uma leve lufada de ar acariciava seu rosto, adornado com barba branca e rala, talvez um dos derradeiros traços de

identidade pessoal que exigiu consigo permanecer. O filho mais velho, que ali o levava, declarou solenemente: “não o deixem sem barba de jeito algum, porque ele detesta”.

Ele desprezava tantas coisas. Inexistiram, todavia, outras ressalvas. Estava num universo de regras. Precisava cumprir as que lhe eram dirigidas. Inexistia espaço para fuga, rebelião, surto anarquista. Gritos eram dados por vários “hóspedes”. Uivos de dor, gargalhadas compulsivas, choros baixos, tímidos, soluços elevados, lamúrias, palavras desconexas...havia de tudo, um pouco. Até mesmo certa lucidez flagrante.

E foi justamente nesse contexto que Benjamin, aos 89 anos, começou a pintar com tintas à óleo, sobre telas. O que teve início como atividade lúdica, transformou-se em paixão. Em expressão. Em libertação das garras do enorme urso da morte.

Era o início. Até onde iria sua arte? Talvez, a uma exposição! Futuro, era imprevisível. Presente, seu presente, apenas pintar.



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MAIS DE
1 MILHÃO DE
SEGUIDORES**

APENAS

R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br



HOLZPUPPE

POR VALÉRIA GUERRA



Rudolf caminhava ao lado de seu pai, o frio congelava suas mãos enluvadas. A paisagem na Áustria, no inverno não deixava de ser bela. Kat ficou em casa, estava feliz com a quantidade de maçãs que colhera, as oito maçãs serviriam perfeitamente como recheio para as tortas que ela faria.

As tortas seriam uma grande sorte para matar a fome daquela família de três membros. Nos últimos anos, a situação não estava nada auspiciosa para os austríacos, aliás para os europeus. “Se Hans ainda pudesse confeccionar seus artefatos de madeira, como seria maravilhoso”: sonhava a mulher troncuda. Kat era uma austríaca mediana de tamanho, olhos profundos e azuis, mãos grandes, e um sorriso amarelado.

A casa da família fora herdada de seus pais, ambos camponeses. Quando o alemão Hans Reiter veio residir em Branau Inn man, o império austro-húngaro vigorava. Aos dezessete anos ela já sonhava com sua própria vida: casar, ter filhos, plantar, criar ovelhas enfim fazer prosperar sua fazenda. Ela andava pelas vielas de Vienna, quando viu um homem muito jovem carregando um boneco nas mãos, parecia uma criança de madeira, ela firmou os olhos e percebeu que não se tratava de um boneco qualquer, e sim de um trabalho perfeito de carpintaria.

O pensamento da mãe de família voltou no tempo, e a encontrou no presente, ela caiu em si, e refletiu em voz alta — Parece que foi ontem, no entanto já se passaram vinte e dois anos. A moça olhou pela janela daquela casinha rústica e viu que a neve caía impiedosamente. A lareira estava ali aquecendo a alma da Senhora Reiter, que sorria ao lembrar de como já tinha sido bastante próspera um dia...

1889 – Uma noite feliz em Braunau Am Inn

Uma menina de apenas dezenove anos estava sentada em seu quarto e olhava através vendo seu esposo a cuidar das ovelhas, o sol brilhava, e a temperatura estava amena, o mês de abril era plácido, e chovia pouco naquele mês primaveril de abril de 1889.

A moça sorria, vez em quando, olhando sua barriga imensa. Seus olhos azuis faiscavam ao sentir os chutes do rebento que em breve chegaria ao mundo. Avaliada por uma parteira e um médico, a moça sabia que abril era o mês do nascimento, mas a hora ninguém sabia...

A hora no relógio Herweg registrava 14 e 23 h. A moça levantou e foi até a cozinha da casa centenária, lá buscou realizou um lanche bem frugal: pão de ameixa, e pickles.

Após comer Kat voltou ao quarto, e se sentou de novo na cadeira de balanço antiga de veludo, a peça pertencera aos seus avós paternos, desde o século XVIII. Kat recostou e cochilou. Seu esposo entrou no aposento duas horas depois do início do sono da querida esposa. Ele achou estranho ela estar dormindo ali, resolveu tocar sua face dizendo: — Querida, você está bem? A mulher custou a despertar, e logo que o viu, se

espreguiçou e levantando lentamente sussurrou com jeitinho amoroso: — Claro meu bem, e tive um lindo sonho.

Alois Hans, por sua vez, escondendo sua timidez atrás de um rosto rubro se retirou do recinto e foi buscar vinho e comida, depois buscou a lareira para se aquecer. O relógio bateu 17 h, e os dois seguiram sua rotina até que o homem ouviu um gemido estridente saído da boca da companheira. Ele correu ao quarto e se deparou com Kat estendida no tapete felpudo. Kat estava desfalecida, o homem a abraçou e chamava seu nome várias vezes. Alois estava tenso, porém lúcido, levou a mulher até a lareira, e ela foi recobrando os sentidos.

Ela disse — Nosso filho está vindo, me ajude Alois...

Hans Alois era alto, forte, e aparentemente calmo. Seus olhos lilases estavam preocupados agora. Sua esposa e o futuro filho representavam muito em sua existência. A localização geográfica da residência dos Reiter (s) distava do próximo vizinho aproximadamente meio quilômetro, e o médico que consultou sua amada Kat, morava em Viena. Então, o homem muito alto e meio desengonçado não tinha outra saída, a não ser “colocar a mão na massa”, ele teria que fazer o parto.

Ele seguiu os passos que a Senhora Hermann ensinou em sua última visita à família. E então às 18 e 30 h nasce Rudolf. Um lindo menino de olhos castanhos...

1883 – Viena

O império austro-húngaro prosperava em fins do século XIX, aliás tal empreendimento governamental já perdurava há mais de vinte anos. Hans Alois Reiter nasceu em 1861, ano em que a Itália se tornou país. Em 1883, o entalhador foi embora para a Áustria, e foi seu primo Carlo Callodi que o incentivou, afinal a Áustria era o outro lado da moeda de um império dual que dava certo desde 1867.

O talento de G. Alois para o talhe da madeira era inequívoco, inclusive foi inspirado nele que Carlo escreveu “As aventuras de Pinnochio”. G. Alois pegou todo o seu aparato técnico e foi junto do primo morar em Vienna, um local que fervilhava de talentos artísticos. Ao chegar a terra de ouro da cultura austríaca, mãe de talentos como Mozart, Bethoven, Strauss, a capital da Áustria, já tinha sido um assentamento romano no passado.

G. Alois estava eufórico, e logo se instalou na casa confortável de seu primo escritor, lá ele iniciou sua produção de peças em madeira. A antiga Vindobona inspirou o talentoso Alois, que por vezes passeava junto ao rio Danúbio, e lá se inspirava para suas criações. Em uma tarde outonal de 1883, Alois resolveu admirar a natureza local, e viu uma árvore caída em meio à vegetação de uma floresta próxima ao rio, ele não vacilou, começava a extirpar, com seu material especial, aquela madeira maciça que na última tempestade havia sido quedada.

Quando ele começava a dar os primeiros golpes no vegetal, ele escutou um grito de dor, que cada vez ia ficando mais alto. Ele procurou ao seu redor, e não viu viva alma. E, mesmo aterrorizado continuou sua labuta, e com isto os gritos se tornaram mais altos, até que G. Alois desmaiou...

1887 – Viena – A feira livre

Manhã de sol na cidade de Viena, e um jovem carregava suas mercadorias artesanais para expor na Grande Feira ao Ar livre. Seus cabelos louro cinza encobrem parte de sua face, muitos olhavam para ele, pareciam aves de rapina. Ele foi até uma esquina vazia, prendeu os cabelos longos, e logo após isto, puxou de dentro de sua maleta de ofício: uma máscara que colocou para cobrir todo o seu rosto, deixando boca, nariz e os olhos à mostra.

Em seguida, foi-se para o lugar onde exporia suas obras de entalhe, e vendeu quase todas, inclusive um relógio cuco maravilhoso. Com ele estava também um boneco, ainda inacabado, em tamanho natural, faltando poucos detalhes para o término. Na verdade, ele estava tentando reproduzir a imagem de seu pai querido, que morrera, quando ele ainda era um menino. Para todo lugar que ia carregava o artefato inacabado.

Ele estava exausto e ansiava por descansar na casa de seu primo, que o esperava para jantar. Ele começava a caminhar, quando viu ao longe uma jovem de cabeça baixa, com olhos grandes e profundamente azuis, ela estava acompanhada de uma senhora e de um senhor que deveriam ser seus pais. Ela levantou o olhar quando viu o rapaz, meio desengonçado, que carregava uma maleta de madeira e um enorme boneco. Eles se olharam, e ele sorriu. Ela também sorriu, o sorriso bem tímido costumeiro. Os pais da moça se afastaram um pouco, e ela ficou propositadamente retardatária, e Alois conseguiu lhe falar — Como vai senhorita? mora em Viena? A menina-moça retrucou baixinho — Não, moro em Braunau inn Am, e lhe forneceu seu endereço.

O jovem artista, por sua vez, decorou a informação, e seguiu seu curso, a deixando livre para encontrar seus progenitores, que já olhavam para trás, a sua procura.

1888 - O Noivado

Claro, que Alois procurou a moça encantadora, que conheceu em Viena, e não tardou para que eles se enamorassem, com o óbvio consentimento dos pais de Kat. Em breve ficariam noivos, as providências para o jantar de noivado estavam sendo tomadas.

Seria em um sábado, e deveria contar com a presença do primo de Alois, tudo simples e substancial.

O dia especial chegou, e o noivo teve permissão dos pais de Kat para pernoitar na casa da família; só voltando à Viena, no dia seguinte. Kat indicou ao jovem noivo, onde ele deveria dormir: um quarto pequeno que servira de dispensa no passado. O homem estava alegre, e despediu-se da nubente.

Alois entrou no recinto e se sentou na beirada de uma cama de solteiro situada perto da janela, e assim que escutou o profundo silêncio na casa, começou a retirar a máscara da face. Quando terminou, ouviu passos, e virou-se, mas já era tarde, Kat viu seu rosto, então, a noiva levou às mãos a boca, aterrorizada e prestes a gritar. Ele, por sua vez, fez um sinal com as mãos, como se pedisse calma... ela informou ao noivo, que viera até ele para dizer que o amava, e perguntar se ele queria água ...

Alois pronunciou — Querida me perdoe, eu iria lhe contar em breve. A moça assustada fitava o lado esquerdo do rosto do homem: metade de madeira maciça, e metade pele.

1909 - O jantar que não aconteceu

Katarina conseguiu confeccionar as tortas e aguardava seus caros entes.

Estranhava um pouco o atraso, pois naquele lar a hora das refeições se cumpria pontualmente às 19 h. Às 20 h, a mulher estava diante de um altar caseiro, onde havia uma nossa senhora Mãe de Cristo, como imagem santificada, ela ajoelhada diante da peça em madeira rezava, quando ouviu passos pesados, tal onomatopeia a aliviou, mal sabia, que o pior ainda estava por vir, saberia tão logo da notícia mais terrível de toda sua existência...

Ao chegar na sala, seus olhos enxergaram uma cena tétrica: Alois trazia Rudolf nos braços, o marido da dama arfava, já que o peso do filho morto oprimia suas forças. Ela gritou — Alois... o que houve com ele? quando G. Alois colocou o corpo do jovem sobre o tapete da sala, o rosto do rapaz estava roxo. A mulher saltou sobre o rapaz chorando muito.

1910 - Viera - Verão

Após um ano do desenlace de seu único filho, Katarina era o retrato da dor, ele fora acometido por um colapso cardíaco, quando voltava de um passeio rotineiro com seu pai. O cotidiano daquela mãe sofrida fora destruído.

Os pais de Katarina haviam se mudado, também foram residir em Viena, e deixaram a pequena fazenda aos cuidados da filha e do genro, eles também ficaram muito fragilizados com a morte do neto.

Haveria uma Feira em Viena, e o senhor Alois pretendia estar presente para tentar negociar suas peças, que inclusive incluíam alguns trabalhos do falecido Rudolf. Ele chamou Kat para ir usando o argumento da homenagem ao filho, e ela acabou aceitando. O casal levou o tal boneco de tamanho natural, que ainda estava sendo talhado para quem sabe, também ser vendido, afinal a família necessitava de capital econômico.

Conseguiram vender algumas peças — e quando já iam saindo do espaço, um homem de olhar profundo viu o boneco e indagou ao casal — Está a venda? G. Alois respondeu — Não, é apenas uma obra inacabada...O homem falou baixo — que pena, gostei dele, e talvez comprasse por um justo preço.

— Também sou um artista, um pintor, e expus alguns quadros meus hoje, disse de forma arrogante. Alois parabenizou o homem jovem, e despediu-se. O dono do boneco deu o braço a esposa e seguiram rumo a estação de trem, para voltarem para Braunau Am Inn.

O casal resolveu cortar caminho, através da Floresta Negra e, quando já estavam no meio da rota, escutaram um som de chamado "Ei, esperem", quando olharam para trás verificaram se tratar do tal pintor, que conversou com eles. na Exposição. Ele se aproximou rapidamente.

O pai de Rudolf falou — O que deseja meu caro? Neste instante Adolf empurrou Alois; e Kat, de forma inusitada, voou para cima do pintor, mas o homem a empurrou fortemente, e ela caiu. Adolf H se apoderou do fantoche, que havia caído das mãos de G. Alois.

1910

BRAUNAU MAN INN - OUTONO

Katarina estava triste, estupendamente triste. Seu filho foi embora de maneira absurdamente cruel. Ela desejava vê-lo. Seu sofrimento era tão grandioso, que ela rezava incessantemente, todos os dias.

Em uma tarde daquele outono sombrio, a senhora Alois estava ajoelhada rezando, quando ouviu um barulho no quarto de Rudolf. Seu esposo não estava em casa. Ela foi até o aposento do filho e viu que o boneco inacabado em tamanho natural estava sentado na cama, de costas, e parecia vivo. A matrona, emocionada, balbuciou — Meu filho?

O boneco nada respondeu, porém quando a mulher olhou novamente, ele havia mudado de posição, sua aparência era carnal, e ele parecia sorrir, neste momento Alois entrou no quarto, e contemplando àquela cena inusitada: sorriu.

Kat entre lágrimas abraçou o esposo dizendo em alto som: MILAGRE, MILAGRE. O dia se foi, e a noite chegou, Rudolf voltou a ser aquele mamulengo de madeira outra vez: ali, diante dos olhos dos pais...

No dia seguinte, de manhã, Kat e Alois foram até o quarto de Rudolf, e encontraram o boneco, ou melhor, o rapaz, caído perto do criado-mudo, ele tinha se arrastado da cama até o móvel, sua intenção era chegar até a janela, para tomar ar, mas seus pés de madeira não facilitavam sua locomoção. O casal levou o ser até sua cama, e já deitado ele disse; meu nome é Holzpopper.

1911

SEQUESTRO EM ANDAMENTO

Adolf sobe as escadas esbaforido, chega até o segundo andar, e vai para o quarto, adentra e abre o armário. Seu rosto jovem empalideceu. Então, ele verifica que o seu sequestrado não está. O olhar de Adolf estava faiscando, parecia raivoso. Então ele desceu a longa escada da casa de seu tio e foi procurar HOLZPUPPE por todos os lugares.

Quando entrou no quarto de seu tio, viu a cortina voando e a janela da sacada aberta, o protótipo de ser humano, estava caído na sacada, mas respirava. Adolf Hit se achegou; e o abraçando disse — Como chegou até aqui? e o moço disse — Me arrastando. Adolf Hit ajudou o homem a se levantar, e o levou amparado até o quarto de hóspedes, lá o alimentou, e esperou a noite chegar, logo, ele se transformaria em peça de madeira maciça outra vez, ao badalar das 6 H da noite. Às 17 e 30 H, o antigo Rudolf ficou triste e fez uma proposta ao seu "algoz", antes da transfiguração...

Hit olhou para o boneco, como quem aguarda a proposta. E, Holzpuppe, se colocou — Quero trocar de alma com você, resolveríamos dois problemas: sua ambição de ser o dono do mundo, e minha locomoção. — Como assim? questionou Adolf. — Calma, não é difícil, o incidente com o Pinheiro deu-me a chance de ter um DNA mirabolante e mágico. O Pinheiro que feriu meu pai, arrancando a metade de sua face alterou seu DNA, e quando nasci, meu destino já estava traçado.

— Achas que estou ficando louco, proferiu Adolf Hit, — você agora é meu, não pertence a seu pai, nem a nenhum pinheiro, está levando vantagem ao morar aqui, e em breve, o levarei para a Alemanha. Será um grande trunfo em minhas mãos. Ganharei dinheiro com você, o expondo em Feiras e Circos, tudo para financiar meu projeto político. — Está aqui há seis meses e NÃO ENTENDEU NADA HOLZPUPPE?

HOLZPUPPE — O pinheiro era enfeitiçado, os antigos romanos haviam feito isto, quem tocasse nele iria se tornar poderoso, quase imortal, minha mãe invocou poderes religiosos: santos e outros deuses, e pude renascer, apenas meus pés não se tornam orgânicos. Porém minha alma é eterna e pode ser transmutada. Se eu entrar em seu corpo: poderei andar. E você poderá ser imortal, basta cortar os pés de madeira, tarefa mais fácil, já que conhece muitos médicos. E terá a vantagem de ser imortal.

1933 - ALEMANHA

Um homem caminha pelas ruas da Alemanha, ele está acompanhado de dois senhores, com aproximadamente sessenta anos, um homem e uma mulher. O povo estava feliz com o advento de um novo chanceler alemão, que era muito popular, e pertencia ao chamado partido naturalista alemão. Ele prometia prosperidade ao país.

O evento terminou, e Adolf e seus convidados iriam comemorar a conquista. No interior do palácio Reich: há três pessoas que aguardam a presença da autoridade-mor: Rudolf, Alois e Kat. Hit, passa por eles mancando um pouco, e lança um olhar sobre Rudolf, como se estivesse o chamando. O rapaz, hoje com quarenta e seis anos, mesma idade de Adolf, pede licença aos pais e segue o líder.

Em um escritório fechado e a prova de som, ambos dialogam.

Hit grita — Aí é o meu lugar, você me enganou seu boneco do inferno, não aguento mais ficar morando no interior imundo de Braunau man inn, em meio a ovelhas e porcos. Chega! você me enganou com aquela conversa de cérebros adaptados à alma e imortalidade, estou precisando mentir, e viver com minha alma presa em um corpo que a noite perde vida. Quero minha vida de novo, todas as conquistas suas me pertencem...

— Meu caro, como eu poderia chegar até aqui, se não tivesse usado seu nome e sonhos, agora sou alguém, e o meu pai PINHEIRO está orgulhoso. Já meu pai Gepeto Alois, em breve, irá ceifá-lo, pelo menos foi o que ele me informou ontem. Mas só fará isto se você continuar rebelde com ele... e se a doce Kat, minha mãe, tentar atrapalhar, com certeza, minha consciência Jimminy Grille irá impedir...

— Meu nobre Adolf — Você falharia, mas eu realmente irei dominar o mundo

Adolf Hit — Seu mentiroso inveterado!

HOLZPUPPE — O que você esperava de um hipócrita, um mentiroso, não se esqueça que meu pai quando me talhou à guisa do finado Rudolf e de meu avô, o fez com compadrio do grande Pinheiro mágico da floresta Negra, e inspirou-se no texto do seu primo Carlo Collodi: As aventuras de Pinocchio, mas eu realmente irei dominar o mundo, com as bênçãos de Jimminy Grille.

Quando Rudolf olhou para a lapela do chanceler HOLZPUPPE: ele viu um grilo de fraque e cartola sentado, e o pequeno inseto bradou falante: conheço o passado, o presente e o futuro...

Adaptação Literária

Valéria Guerra Reiter é atriz com registro no SATÉD-RJ. Jornalista, historiadora, bióloga, escritora com algumas premiações, inclusive aqui neste projeto. Várias vezes integrante de antologias na Perse, no projeto APPARERE. E-mail: escritordeluz@hotmail.com

@CONEXAONERD

Conheça o Canal

CONEXÃO
NERD



INSCREVA-SE

APRESENTADO
POR
ADEMIR PASCALE





DESCONSTRUINDO PARA CONSTRUIR

POR IDICAMPOS

A ideia de cuidar do lado de dentro para mais tarde se ocupar com a fachada alicerçava a linha cognitiva de Gilvan. Aquele peão tinha alma de construtor. Comercializava materiais de construção na região, incentivava o acolhimento, o porto seguro, o ninho da plebe, o sonho da casa própria.

O terreno da Sonho de Construir fora objeto de posse. No local do lote existia uma praça pública. Gilvan invadiu a Praça da Palhada, cercou a área, molhou a mão do vereador, juramentou no cartório; passou a pagar IPTU, articulou alvará de permanência, ligou a luz e acertou o consumo de água. Registrou toda a papelada no próprio nome.

O proprietário morava no sobrado da loja de construção; da janela, sabia da vida de quem estivesse ao alcance dos seus olhos. A observação deixava-lhe confortável de não ser tão certinho. Procurava fazer o melhor, no entanto, a educação do cabra escorregava no caráter dubio. Aliás, a cerca do comportamento contemporâneo, ninguém parece perfeito.

Entrou no ramo da construção aos quarenta e cinco anos. Antes, catou latas, trabalhou duro como ajudante de pedreiro, conseguiu um ponto no camelódromo para negociar utilidades para o lar. Ali se levantou, nas barbas do calçadão, no centro de Nova Iguaçu. O herói proletário construiu o patrimônio quase honestamente. Um em mil consegue tal façanha, além do mais sendo órfão e criado no orfanato.

Gilvan incentivava o fim da mais-valia do aluguel tipo um pinto abandona o ovo após ser chocado, almejando novos rumos. Abria cotidianamente às 9h. Estendia as mercadorias na calçada: cimento para endurecer a massa, tintas coloridas, fios de cobre, etc. Vendia do piso ao telhado. Oferecia aos fregueses até escada pra subir na vida.

Mariângela era uma freguesa assídua da Sonho de Construir — convergia com o pensamento de desconstruir para construir — enfrentava a crise de moradia munida das qualidades pessoais. Herdara do falecido padrasto, que morreu de dor de cotovelo, um terreno de dez por trinta, localizado no Bairro da Palhada, a dezoito minutos do centro de Nova Iguaçu.

A árvore genealógica de Mariângela quebrou o galho com o peso do carma da família. O padrasto jamais superou o fato da companheira tê-lo abandonado e fugido com o carpinteiro. Até hoje, o paradeiro da genitora permanece desconhecido.

Na labuta da construção civil, cada um dava o seu jeito. No entanto, causava surpresa a estratégia de Mariângela que aprendera com a mãe. Agia com perspicácia, associava interesse com prazer.

A figura cintilante da quarentona trazia pra calçada do botequim os machos da Palhada e as meninas ávidas por provar a fruta do pecado. Mariângela exibia um corpo violão, pernas roliças, lábios grossos: um espetáculo da natureza humana. Cercada de adjetivos, deixava a turma da cueca de papo pro ar... Ainda que se dissesse tímida, arrastava a asa para o proprietário da loja de material de construção.

As qualidades - bem embaladas - da perua mais sensual do Bairro da Palhada serviam de argumento para a cantada ensaiada em Gilvan. Insinuava, na cara de pau, a troca de favores por material de construção. Propunha ao comerciante barba, cabelo, bigode e carinho à vontade.

Gilvan, carente de afago, barbeado, jogado às traças, fora largado na rua da amargura, também por adultério. A ex mulher botou-lhe um chifre do tamanho de um obelisco, ao descobrir um caso extraconjugal do cafajeste.

O comerciante deixou as lamúrias pra lá, arregalou os olhos nas formas de Mariângela, topou, no ato, a proposta indecorosa. Acertou dois milheiro de tijolos, trinta sacos de cimento e três metros quadrados de brita. Feito o trato, mesmo focado na missão, arriou de paixão; o coração balançou no esqueleto, mas Mariângela tirou o corpo fora ao final do acordo.

A assanhada, de posse do material necessário, rolou na pista, passou a assediar o pedreiro Mariano Entulho. Entulho surfou na onda, organizou o alicerce da meia-água, mas também suspendeu as paredes. Comeu, bebeu e lambeu os beijos; contudo, tomou um chute no traseiro depois de concluída a etapa combinada.

O quarto, sala, cozinha e banheiro em ponto de cobertura reascenderam o sentimento de Mariângela por Gilvan. O bobão cedeu aos caprichos da carne, comprou a laje pré-moldada, posteriormente, amargou outra desilusão. A trapaceira conquistou o motorista do caminhão de concreto. O piloto deitou na sopa, curtiu as curvas do monumento, efetuou a montagem da treliça e entregou a laje pronta.

O caminhoneiro rodopiou em seguida, saiu da história sem despedida. Mariângela bandeou pro lado do patrão de novo. O lojista caiu de quadro, acreditou nas juras de amor, dormiu de conchinha no sobrado, investiu no namoro. Mariângela aproveitou a oportunidade, surrupiou a contabilidade da firma. Adquiriu, com o dinheiro desviado, 36 metros quadrados de porcelanato.

Mariângela vazou na madrugada ao som dos roncões de Gilvan. Bastante objetiva, acabou flertando com um ladrilheiro jovem, cheio de disposição. O rapaz, empolgado com o mulherão, revestiu a residência com o piso de primeira.

Gilvan acostumado a ser corno, perdoou os deslizamentos da amante. Juntaram as expectativas, foram morar na casa construída com o esforço dos dois. Transformou o sobrado em depósito da Sonho de Construir. Afiançou o novo perfil da amada, bancou o término da obra, encerrou aquele caso de desconstruir para construir.

O casamento deu certo. Nasceram um pro outro, entraram na moda do “deixa disso”, esqueceram o passado. Vivem uma relação conservadora, são extremamente moralistas, refutam a vida pretérita.

Casaram-se na igreja, conforme a tradição, mantêm-se fiéis aos votos de fidelidade. Estão envoltos numa fina cumplicidade. Mariângela, agora, é uma senhora distinta, temente ao ritual, assídua no culto sagrado; veste saia na altura do joelho. Evita extravagâncias, raramente ri em público e nunca se permite cair nos comentários avulsos dos fofoqueiros de plantão.

O casal brilhou no ramo da construção civil, desenrolou lóbi forte na política municipal. Ficaram na crista da onda: fornecem material de construção para pontes, calçadas, monumentos, estradas, hospitais, escolas, etc.

Mariângela especializou-se em corrupção, dá nó em pingos d’água. Gilvan alicia a concorrência, enrola as secretárias, descola os detalhes, desliza no mar de lama dos descaminhos do poder.

Edificaram um império recheado de castelos de areia, falsas estruturas, mentiras e ilusões. Chegam perdidos de pertencimento à terceira idade, donde concluem: é preciso desconstruir para construir um mundo melhor.

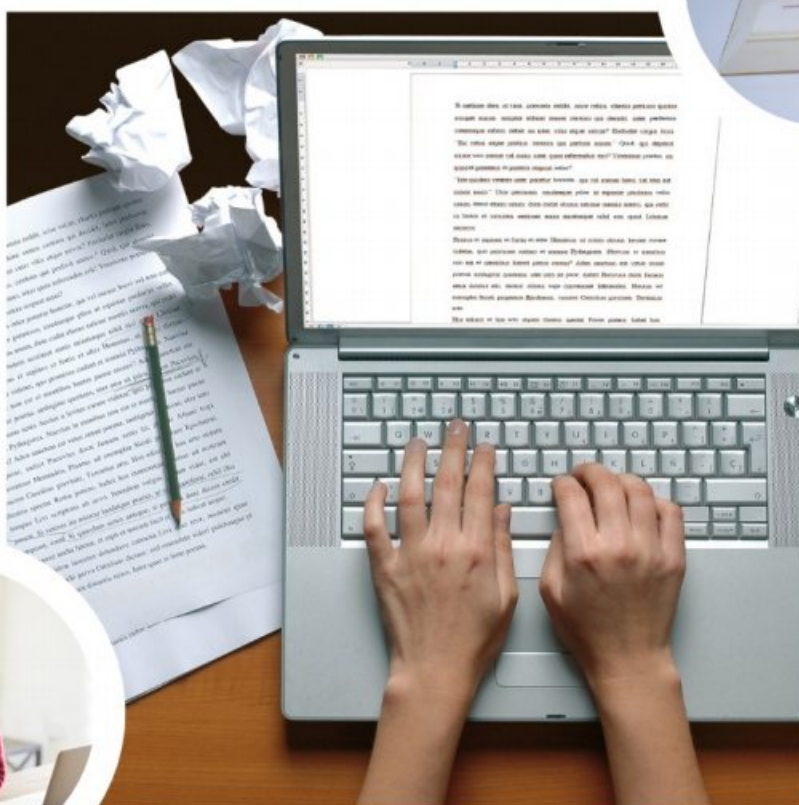


Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br



SINTOMA

POR IRACI J. MARIN

A porta da casa estava aberta, ela entrou. Olhou demoradamente as paredes com quadros evocando o mar, a poltrona e os sofás, os enfeites, as cortinas.

“Era bem assim que eu queria encontrar a minha sala. Tem até um cheirinho doce de flor, parece jasmim. Eu sempre dizia pro Arnaldo que não gostava da sala e da casa cheirando a mofo. Por que não pintava? Precisava dar um colorido nela. Agora... que linda que ficou! Tem até sofás e poltrona com tecido floreado, tem cortinas...”

Ouviu passos, olhou na direção da porta que dava para a cozinha. Sentiu uma estranheza momentânea: o marido comprara um abrigo de malha e envelhecera de repente. Olhou para ele com carinho e grata satisfação.

— Arnaldo, a sala está diferente, você está diferente, parece tudo mudado... Sinto uma alegria nova dentro do meu peito.

O homem sorriu e nada falou. Ficou olhando para a mulher, conhecia o seu problema.

— Estou tão contente que tenho até vontade de passear, caminhar ali na calçada ao lado da lagoa. Vamos?

Tomou o braço do homem e puxou-o para fora. Agarrada nele, às vezes encostava a cabeça em seu ombro, falava de passagens da vida, ressuscitava casos passados e revelava segredos do presente. Falava aos solavancos, misturava com frequência os assuntos, se atrapalhava nas palavras, repetia. Ele raramente falava algo. Apenas ouvia. Na sombra de uma árvore, pararam.

— Arnaldo, por que você não diz quase nada?

— Não tenho vontade de falar.

Logo emendou:

— Estou gostando de ouvir você.

— Ué, que estranho. Você sempre teve pouca paciência comigo. Mas agora me acompanha sem reclamar, me ouve sem interferir, não reclama que eu repito as mesmas coisas...

— Hoje estou bem disposto.

Com o olhar distante, fixo nas montanhas ao fundo da lagoa, ela continuou sua fala indistinta; sem segurança, falou da ingratidão da vida, em seguida relatou passeios por trilhas e de beijos escondidos atrás das árvores.

O homem ouvia, pacientemente. Às vezes sorria das histórias que ela contava.

A mulher respirou fundo uma, duas vezes. Baixou a cabeça. Com a ponta do sapato, fez rabiscos na calçada.

— Arnaldo, você sabe onde colocaram o meu abrigo de malha?

O homem não respondeu. Olhava para a lagoa, na incerteza do próximo momento.

— Arnaldo, me beija.

— Aqui não.

— Você acha feio a gente se beijar? Ah, agora lembro. Você nunca gostou dos meus beijos, de meus lábios finos e secos, né?

— Vamos caminhar de novo, está tão agradável.

Dava passos incertos. Caminhava calada, com o olhar distante, absorta, concentrada em coisas escondidas em sua mente. Foram até onde a calçada acabava. Ela

olhou para a lagoa e a lagoa era ela, que naquela hora reluzia. O espelho liso de suas águas, que refletia o céu limpo, era ela.

— Vamos voltar?

— Não quero.

Soltou o braço do homem e ficou estática. O olhar estava de novo no horizonte, onde só via o horizonte.

— Você se lembra, Arnaldo, que uma vez nós vimos uma apresentação de tango? Você lembra?

— Lembro.

— Depois teve outra vez que nós viajamos de trem... Você lembra?

— Lembro.

— Que tempos bons aqueles! Eu só não sei onde estão as fotografias.

— Vamos voltar?

— Não, espere. Preciso te falar outra coisa.

Silenciou.

— Não lembra onde estão aquelas fotografias?

— Não lembro, mas vou procurar.

— Você é tão bom. Me beija.

Não esperou resposta. Num movimento rápido, puxou a cabeça do homem e o beijou com o fervor de um primeiro beijo.

Depois ela baixou a cabeça, enrubescou e pôs-se a caminhar à sua frente. Ele apressou o passo.

Ao chegarem à casa, ela parou na porta e falou, com grande espanto:

— Esta não é a minha casa.

O homem pegou-a pela mão e conduziu-a em outra direção. No meio do caminho, encontraram Arnaldo.

IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES

O PÁSSARO DE TRÊS ASAS E O PE-DE-MEIA-NOITE

POR NEY ALENCAR



“As asas do pássaro preto
São um redemoinho de magia,
Que engole a Noite!”

— Canto do Pássaro Mágico
Pela Velha Cinzenta

O pelo xadrez se eriçou e o gato mourisco deu um miado alto e sinistro!

O passarinho recém-nascido pulou dentro do ninho com medo.

Queria voar e fugir, mas não podia, tinha três asas!

Calhou, porém que caísse exatamente na palma encarquilhada da mão que pertencia aquela que não era outra senão a Velha Cinzenta!

Naquele instante de horror absoluto toda a mata silenciou e o gato, que já se preparava para dar o salto que colheria a avezinha em plena queda parou no meio do pulo e voltou para o galho sumindo logo em seguida.

A bruxa voltou seus dois olhos, o azul e o verde, para aquela coisinha quente cujo coraçãozinho pulsava descontroladamente em sua mão e sorriu.

Não aquele sorriso terrível e faminto que dá quando encontra uma criancinha malvada, tenra e deliciosa, ou mesmo aquele sorriso abominável que dá quando percebe uma maldade a ser feita que já não poderá ser desfeita, mas apenas um sorriso de alegria!

Estes eram raros e por vezes assustavam mais que os outros dois!

Pois a Velha Cinzenta não costumava sorrir.

Quando o fazia bom sinal não era!

Não cuidou muito do pequeno passarinho, levantou-o entre as unhas compridas do dedo polegar e do indicador e o olhou à luz de uma velha lua amarelada que, curiosa, havia surgido por entre as nuvens cinzentas que anunciavam uma tempestade noturna.

A pequena criatura de penas esverdeadas e olhos grandes e luzidios deu um piado, ou talvez um grasnido alto, que ecoou sinistro pela mata silenciosa.

A Velha Cinzenta sorriu!

Novamente!

Duas entre três vezes!

Isso era considerado de mau agouro e um trovão distante anunciou que a tempestade havia desistido de cair ali, talvez temendo uma represália.

A Velha Cinzenta colocou o passarinho em um dos inúmeros bolsos de seu casaco amarelo, bolsos grandes e profundos, capazes de acolher com volúpia uma criança gordinha e escondê-la inteira, como já dissemos anteriormente em outra história, e voltou saltitante para sua casinha, satisfeita com a saída noturna.

O terceiro sorriso chegou justamente quando cruzava o umbral!

Justamente no dia seguinte, dia de feira, a Velha Cinzenta surgiu de inopino assustando os habitantes daquela cidade à beira da charneca cujo nome não revelarei.

Vinha comprar alpiste e grãos mais delicados, talvez aveia ou mesmo girassol.

O que deixou amedrontados e assustadíssimos os habitantes daquela cidade vizinha, e também os deixou deveras intrigados, pois não sabiam que horror tirânico ela estava planejando!

O passarinho de três asas cresceu!

A própria Velha Cinzenta o ensinou a voar, metamorfoseando-se em grande coruja cinzenta de cruéis garras curvas e foram treinar nas matas mais ao sul dali.

Ela também o ensinou a caçar os elusivos e suculentos gnomos, posto que era adepta voraz e exímia “connoisseur” da arte da Gnomomaquia, a arte proibida e banida da caça aos gnomos, como já contado em outras paragens.

Descobrira, para seu prazer solitário, desde a primeira olhada que aquele não era um mero pássaro comum de três asas, mas que era um belo e raro exemplar daquele tipo de ave matreira e astuciosa chamada Picanço!

Estes são um tipo manhoso e agressivo de ave de rapina de tamanho pequeno, com uma capa cinzenta, que gosta de caçar e tem predileção por insetos, pequenos mamíferos, répteis e aves de pequeno porte, empalando suas presas em espinhos, galhos pontudos e cercas ao redor de seu covil.

Por ter três asas a picanço, pois era ela própria uma fêmea da espécie, tornou-se mais ágil e espirituosa do que seus companheiros de raça, e por vezes mais cruel.

Cresceu forte e esperta, por vezes se empoleirava no topo de um galho preto de um pinheiro solitário da beira da mata, queimado por um raio durante uma tempestade há muito tempo, que os animais e habitantes daquela parte da mata chamavam de Pé-de-Meia-Noite, e dali, ereta e conspícua, vigiava e observava todo o terreno em torno.

Às vezes soltava um grito esganiçado e lamentável que servia para atrair algum crédulo gnomo e então, com um mergulho súbito e feroz, espetava o pescocinho da presa, torcendo-o, para então carregar o corpinho e espetá-lo nalgum espinho ou galho ao redor do ninho que fizera na cumeeira da casinha de tijolos vermelhos.

A comunidade gnômica em geral e a passarinhada em particular restava atemorizada por ela, vítimas de sua gula.

A Velha Cinzenta amava a avezinha.

Quando estava sentada na varanda de sua casinha, naquelas tardes perto do crepúsculo, quando balançava sua cadeira de balanço e fumava seu cachimbo de madeira preta, por vezes a ave vinha e pousava aos seus pés, trazendo-lhe ora um grande camundongo gordo, ou um rouxinol e às vezes um gnomo suculento.

A Velha Cinzenta não se fazia de rogada e aceitava os presentes, nunca fora realmente de desperdiçar comida.

Cuidava sempre de deixar uma gorda fatia de torta de gnomo em um pires na beira da janela da cozinha para a ave sempre que a assava.

Seus hábitos alimentares acabaram por despertar a cólera fria dos gnomos que habitavam aquela parte da mata, cansados de serem perseguidos e predados pela ave.

Afinal reuniram-se durante uma noite escura e sem lua em um salão grande que haviam construído logo debaixo das raízes do grande carvalho milenar que dominava aquela parte da floresta.

Queriam dar um fim à ave que os aterrorizava.

Um dos mais afoitos disse que deveriam contratar aquele mesmo velho e astuto caçador que livrara a cidade à beira da charneca do Gato de Nove Caudas caçador de cães, mas outro, menos afoito, lembrou-lhe muito bem sobre o fim vil e perverso que havia acontecido com os habitantes daquela cidade próxima da charneca, o destino horripilante e atroz que tiveram e do qual nenhum escapou.

Ainda hoje este fim permanece desconhecido da memória humana, como coceira indesejável que não se pode coçar!

Não existem história que revelem este fim nem nós aqui iremos revelá-lo!

Foi então que um terceiro gnomo, mais esperto que os de sua espécie, lembrou-os quem havia salvo a vida da pequena avezinha quando esta caíra do ninho e quem a havia criado e a ensinado a caçar.

Um silêncio pesado reinou sobre a assembleia de gnomos, pois todos sabiam a identidade daquela à qual ele estava se referindo e sabiam também que não era prudente nem salutar imiscuir-se nos assuntos dela, e um a um foram se retirando para suas casas até que o salão ficou vazio.

Dizem aquelas velhas matronas mexeriqueiras da praça do mercado, que até hoje, se você se aproximar daquela parte da mata e olhar para cima poderá ver a silhueta de capa acinzentada da ave, ereta e hirsuta na ponta daquele galho preto e se escutar com cuidado poderá ouvir o grito medonho que ela dá quando está caçando gnomos!



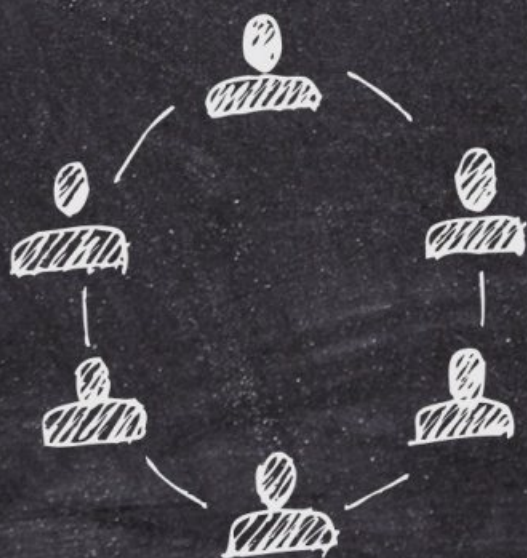
Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

APRENDA COM

CONEXÃO GRAMÁTICA



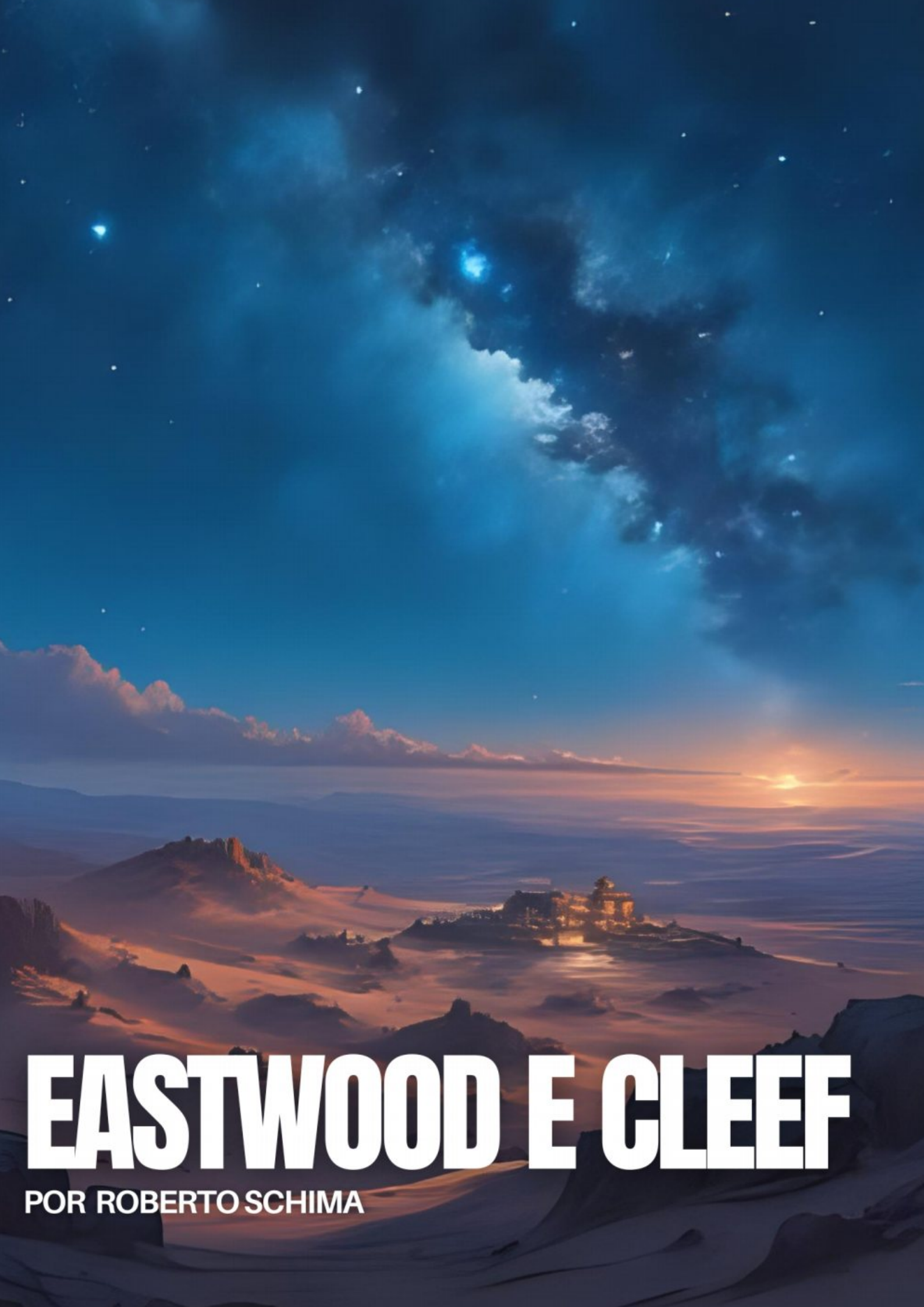
SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica



EASTWOOD E CLEEF

POR ROBERTO SCHIMA

1 - LEONE

(Ao som de *Per un pugno di dollari (Version 2)*¹, Ennio Morricone.)

Estrelas frias e silenciosas cintilavam num céu sem nuvens. Vagarosamente, o calor escaldante emanado do solo e dos rochedos cedeu lugar ao frio do deserto. Apesar do contraste, era um mundo que encontrava convergência na desolação. Talvez tivesse sido assim no começo de tudo, quando a semente da vida ainda não vicejara sobre a Terra e o que havia nas planícies era o persistente sentimento de vazio e solidão. Não tardou para um luar sinistro verter prata através das dunas. De quando em vez o vento soprava, erguendo penachos de pó e areia, os quais eram carregados num sopro para além do horizonte.

"LEONE".

Assim diziam, em letras gastas, as placas envelhecidas de ambos os lados da velha cidadezinha. Não havia o registro do número de habitantes. Em idos tempos, já fora um lugarejo próspero: homens, mulheres, cavalos, carroças, cães e gado trafegavam por sua única via, enchendo os ares de ambições ruidosas, músicas alucinadas e esperanças vazias. Também fora o centro de tudo o que não prestava: ladrões, matadores de aluguel, assassinos foragidos, estupradores, bêbados, pedófilos e políticos da pior espécie. Uns poucos lucraram a custa dos muitos que trabalhavam nas minas e desperdiçaram suas vidas no balcão dos bares e nos bordéis com as prostitutas. Por fim, o ouro acabara, a mina fechara, os que sobreviveram seguiram caminho, a cidadezinha morrera e a areia tomara conta pouco a pouco.

Os únicos sinais de movimento eram aqueles causados pelo vento: nas janelas quebradas, no rastro de poeira varrido pela rua de leste a oeste, na vegetação ressequida a rolar, nos restos de cortina a balançar.

Leone, ao abandono, era um fim de mundo sem viva alma.

Para não ser de todo injusto, alguns lagartos lá buscavam refúgio do sol inclemente, mas eles não contavam, afinal, quem ligava para os lagartos? Ademais, eles não possuíam alma!

Sem viva alma.

Porém, não desprovida de almas mortas...

... Mortas?

SIM!

Num antro de perdição, luxúria e homicídios como aquele, de admirar seria se nada de ruim tivesse ficado para trás a lamuriar entre as paredes. E ficaram.

Os espectros.

Espíritos desencarnados que perambulavam entre a penumbra, sombra e escuridão. Desgraçados sem paz, sem trégua, sem descanso, frutos da índole ruim e morte violenta nas mãos de antigos vilões que por lá passaram ou dos laços da força que por seus atos fizeram merecer.

Então, de súbito, eles vieram.

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=JZi4lc4dpZk>

2 - PISTOLEIROS

Ao longe, na direção do poente, uma silhueta destacou-se e foi se aproximando. Vinha sem pressa, numa lentidão de sonho, como se fosse uma miragem. Mas não era: não existiam miragens noturnas.

Igualmente, do leste, outra figura semelhante surgiu e, aos poucos, avançou em direção a Leone.

Eram dois homens.

Cada qual montava cavalos esqueléticos cuja maior surpresa era não somente caminhar como suportar o peso que carregavam.

Os pistoleiros usavam chapéus de couro e suas fisionomias imersas na escuridão eram severas, curtidas de sol, destilando maldade. Um deles, o que vinha do leste, mascava um talo de mato entre os dentes. O outro, ao avistar o adversário, sorriu num prenúncio de morte, revelando o espaço onde faltava um dente.

— Eastwood — murmurou o primeiro.

— Cleef — sussurrou o segundo.

As esporas tilintavam.

Rastros de poeira sumiam ao vento.

Nas cinturas, o par de revólveres estava carregado.

No interior das ruínas, os espectros ficaram atentos, aguardando.

Não importava quem vencesse, no final, os mortos sabiam: iriam comemorar.

Finalmente, quando ambos os homens atingiram as extremidades da cidade, desmontaram e amarraram suas montarias no tronco mais próximo, um atento ao menor movimento do outro. Estavam habituados a traições. Avançaram lentamente, corpos rígidos, mãos preparadas perto dos coldres. O duelo era tão inevitável quanto a imutabilidade do céu ou o florescer do saguaro.

E o vento erguia nuvens de poeira, dando ao cenário toques de irreabilidade. Agitava os trajes imundos dos homens sem conseguir levar os chapéus. Lamuriava pelas infinitas frestas dos casebres de madeiras. Havia um suspense de morte no ar.

Continuar a caminhar através da rua poeirenta, um em direção ao outro.

Se houvesse uma trilha sonora, seria agora que soaria.

De quando em vez, olhavam nos arredores.

Sempre havia risco de emboscada.

Finalmente, quando se encontravam a cerca de dez passos um do outro, estacaram.

3 - O DUELO

Espera.

Os homens.

Os rostos rígidos.

Areia em redemoinhos

Os olhos que não piscavam.

Uivos em melancólica melodia.
E ambos sacaram simultaneamente.
As armas pipocaram:
BAM! BAM!

E dispararam outras e outras vezes.
BAM! BAM! BAM! BAM! BAM! BAM! BAM! BAM!...

Quando a nuvem da pólvora dissipou-se em meio à poeira, ambos os pistoleiros continuavam em pé. Fitaram-se sem surpresa e, a um comando mudo, avançaram mais em direção um do outro, retirando balas de seus cinturões para carregarem novamente seus revólveres. Estavam cara a cara quando terminaram, porém, em vez de prosseguirem com o duelo mortal, um falou para o outro em voz alta:

— Cleef — disse o banguela.

— Eastwood — respondeu o outro, mascando o talo de mato.

Os espectros a tudo presenciavam da escuridão.

Não, não eram ruins de pontaria.

Nada de balas de festim.

Após um minuto completo de suspense, encarando-se como se pudessem vergar o corpo do outro só com o olhar, cada qual começou a contar os orifícios no corpo do outro.

— Um... Dois... Três... Quatro! Acertei quatro, Eastwood.

— Um... Dois... Três... Qua...

— Não vem não, este furo aqui é antigo. Não está nem chamuscado.

Cleef tinha razão.

Eastwood foi forçado a admitir:

— Três. Três apenas. Eu perdi...

Cleef começou a festejar dando tiros para o alto e chacoalhando os ossos:

— Ganhei! Eu ganhei!

Os espectros, então, emergiram de seus esconderijos feito almas penadas que eram. Porém, em vez de assombrar Eastwood e Cleef, festejaram o resultado do duelo.

— Ganhei a aposta — comemorou um com sua voz de fantasma.

— Eu sei... Que droga! — resmungou o perdedor, esvoaçando entre as varandas.

— Eu bem que queria dar uns tiros.

— Eu também! Que droga é essa de ficar só na torcida!

— Aaahhhh! Uuuhhh!

Urraram num coro assombrado.

Todavia, nem todos os espectros comemoravam. Havia uma minoria introspectiva que era amargurada demais para se contentarem por qualquer motivo. Alimentavam o ódio, a angústia, a tristeza e o rancor. E tinham lá suas razões. Se a vida fora um tormento e a morte representava um alívio, ficaram com o pior de dois mundos: as lembranças mais amargas e a eternidade para revivê-las. Assim, preferiam permanecer fundidos aos cantos mais sombrios das construções ou nas profundezas das minas como se fizessem parte da escuridão. E que ninguém ousasse perturbá-los.

O pistoleiro sem um dente na frente interveio:

— Ei, pessoal... Ei! Aquietem o facho. Eu e Cleef não temos culpa se somos presuntos não tão antigos quanto vocês e os nossos corpos ainda não viraram pó.

Cleef intrometeu-se, jogando fora o resto do talo:

— Do jeito que estamos furando um ao outro, isso não demorará muito...

— Quietos, Cleef. Deixe-me acalmá-los — e voltando-se para os espectros. — Escutem, sei que gostariam de participar da brincadeira e puxar o gatilho também, entrar a pontapés em um bar, socarem-se e farrearem como nos tempos de outrora. Mas cada um precisa se divertir com aquilo que tem. Olhem para nós. Eu e Cleef somos prisioneiros dessa carniça, mas vocês são completamente livres. Podem voar para onde quiserem, atravessar paredes, ficar invisíveis. Isso dá margem a muitas possibilidades. Eu posso flutuar? Não! O Cleef pode confundir-se com a brisa? Não!

Os inconformados se conformaram. Ademais, que opção tinham?

4 - DIANTE DO MORRICONE'S DRINKS

Eastwood e Cleef sentaram-se nos degraus poeirentos de um dos antigos bares da cidade. Na tinta descascada da placa lia-se: "Morricone's Drinks". Suas paredes de tábuas ainda traziam pregados os restos de cartazes de "Procura-se" ao lado de outro, anunciando um *show* de coristas. Dentro, garrafas vazias e outras quebradas guarneciam os nichos, o balcão e uma ou outra mesa que permanecera intacta. Fora um dos pontos mais ativos da cidade. Diligências paravam ali. Fora palco de dançarinas, jogatina e duelos. Agora, abrigava somente ecos de histórias perdidas.

Passada a euforia, Cleef deu um cutucão em Eastwood.

— Ei, essa história de carniça magoou.

— Desculpa meu velho. Que tal carcaça?

— Hum... Carcaça tá melhor... Seu carcaça!

Os rostos cadavéricos riram sem vontade.

Cleef relanceou o olhar para os arredores sob o luar: as varandas, as portas, as janelas, as lojas, o que restara da delegacia em contraste com o bordel que era a construção menos deteriorada. Perguntou sem fitar o amigo:

— Você é melhor pistoleiro do que eu. Por que perdeu?

Eastwood levou um tempo a responder, observando as colinas onde ficava o cemitério e indagando-se pela bilionésima vez por que tornara-se daquele jeito em vez de ir para o limbo ou passar a eternidade no inferno. Tentou cuspir, mas não tinha saliva. Pestanejou. Então, falou com a voz de quem tinha todo o tempo do mundo, mas fartara-se da eternidade:

— Estou cansado de tudo isso, Cleef. Desse nada sem fim diante da gente. Estou saturado do nosso joguinho de duelo. Você não está? Há quantos anos fazemos isso desde que morremos? Dez anos? Cem?

Cleef pensou um instante, coçando o queixo que era couro sobre osso. Como sempre, sentiu falta da barba a qual confiava sempre que se punha a refletir sobre qualquer coisa. Tirou o chapéu preto, mas evitou de coçar a cabeça. Cada vez que fazia isso, perdia mais de seus ralos tufo de cabelo. Era tolice apegar-se assim ao corpo, principalmente

um corpo mumificado feito o seu, contudo, era tudo o que restava. Ao menos, era o que pensava. Apesar de tudo, ainda se recordava, principalmente do fim, quando ele e Eastwood foram covardemente emboscados.

— Acho que beira a duzentos, meu velho. E põe velho nisso... Catsol!

— Desde que nos encurralaram no Desfiladeiro Bronson.

— Sim, aquela besta... Que esteja ardendo lentamente no fogo do inferno! Ah, eu daria minha alma por um trago.

— É o que estou dizendo, Cleef. Estou enjoado disso e dessa cidade fantasma. Aposto que esses aí — apontou para os espectros que brincavam de assustar uns aos outros — também estão.

— Quer saber? Confesso que também tô de saco cheio — admitiu Cleef. — E nem saco tenho mais desde que levei um tiro nas bolas.

Eastwood virou-se e, sério, encarou o outro.

— Mesmo que tivesse, nenhum sopro de ar encheria. Eu sei o que digo.

Enfurecido, Cleef fitou o pistoleiro, até cair em si e perceber a brincadeira. Riu de má vontade.

— O que sugere que a gente faça?

Eastwood balançou a cabeça e os ossos do pescoço rangeram.

— Não sei exatamente, mas algo tem que ser feito antes que a gente enlouqueça de vez neste lugar.

— Quer saber? Acho que já estamos loucos. Estamos numa ala do inferno que é um manicômio. O nosso castigo eterno é viver dentro desta ilusão: Leone, o pó, os fantasmas, nós dois dando tiros um no outro. Percebeu que, por mais que atiremos um contra o outro, nossos cinturões continuam cheios de munição?

Um meteoro riscou o céu, atraindo a atenção de Eastwood. Cutucou o buraco entre os dentes com a língua coriácea. Ficou pensativo a olhar a Lua e as estrelas.

— Sei não — falou enfim —, se isso aqui é o inferno, convenhamos, não é tão ruim assim. Talvez...

Nesse instante, como se fosse uma resposta do além, algo interrompeu Eastwood.

5 - A MANCHETE

Uma folha de jornal vinda de longe atingiu em cheio o rosto do pistoleiro.

O zumbi de *cowboy* rogou uma praga. Quando estava prestes a fazer uma bola do jornal, leu a manchete:

— "Louis Smith assume a prefeitura de La Isarbali."

Cleef ficou ereto, arregalando os olhos.

— Louis... A Besta Barbuda?! — gritou.

— O próprio, veja a foto. Envelheceu, o desgraçado.

— Não quero ver nada! Só de pensar nessa coisa, sinto vontade de vomitar... E nem vômito tenho no estômago! Foi esse filho da mãe que matou nós dois pelas costas e arrancou seu dente de ouro.

Num impulso, Eastwood levou a mão para o buraco entre os dentes. Sentia falta da prótese. Forçou a vista e resmungou:

— Esse cara não foi parido, mas cagado. Veja! A besta está com meu dente pendurado no pescoço!

De fato, a peça era exibida numa correntinha juntamente com outros pequenos troféus.

Eastwood continuou a praguejar durante algum tempo.

Os espectros, percebendo a agitação, interromperam suas brincadeiras.

O vento continuou a percorrer a rua poeirenta, fazendo os restos de janelas baterem.

Cleef enfiou uma lasca de madeira na boca e começou a mastigar a ponta. Comentou:

— Sabe-se lá o que mais aprontou. Catso! Como pode ser prefeito?

— Dinheiro compra qualquer coisa...

— O que houve com o anterior?

Eastwood leu:

— "Intitulado como o prefeito dos quatro 'Is', foi deposto sem glórias e degredado ao deserto."

— Quatro "Is"?

— Inepto. Imbecil. Ignorante. Irresponsável.

Cleef tentou assobiar, mas a língua e as bochechas mumificadas não permitiram.

— Belo currículo... Mas trocaram o penico pela privada. Que idiotas!

Eastwood sorriu.

— Cê sabe o lema: "Leis canalhas feitas por canalhas para favorecer canalhas"... Cada um com os seus iguais. La Isarbali já era famosa em nosso tempo. Conseguiu ser pior que Leone em termos de juntar bandidos. Lembra-se?

— Ô, se lembro. Tentamos assaltar o banco de lá uma vez. Já havia um bando fazendo isso. Pouco depois, chegou outro! Era muita concorrência.

— Exato. Lá sim, você pode chamar de inferno. E...

Então, o rosto sem vida de Eastwood iluminou-se.

— É ISSO! — berrou.

6 - UMA NOVA PERSPECTIVA

Cleef e os espectros se sobressaltaram.

— Isso o quê, homem?

— Tá cansado da gente matar um ao outro?

— Estou — falou, dando de ombros.

— Pois vamos nos divertir a valer, assustando e apagando gente viva, a começar por Louis Smith! Vou recuperar o meu dente e juro que vou arrancar todos os dele.

Cleef também se mostrou empolgado. Tinha contas a acertar. E não somente isso.

— La Isarbali está empestada de gente como ele. Teremos diversão de sobra. Aliás... Ei, turma! — chamou os espectros. Estes esvoaçaram até as proximidades como

filetes de nevoeiro. — Achamos diversão de verdade. Cada um de vocês tem uma vingança por concretizar contra La Isarballi, um desafeto, ou, pelo menos, sentem vontade de novas emoções, não é assim?

Surgiu uma ventania. Ela emitiu um silvo:

"SIIIIIM!"

A poeira rodopiou.

Rostos descarnados surgiram em meio à bruma.

"SIIIIIM!", repetiram.

Uma nuvem ergueu-se do chão.

— Pois bem — prosseguiu Cleef, animado. — Finalmente, deixarão de ser plateia e subirão ao palco. Venham até aqui! Depois, vão chamar os rabugentos no fundo das minas. Duvido que deixarão de participar. Se buscam redenção, eles a encontrarão. Quem sabe, nós também.

Cleef, subitamente, engasgou.

— O que foi? — indagou o parceiro.

— Nada não, acabei de engolir minha lasca de madeira.

Eastwood soltou uma longa gargalhada.

— Vamos adiante! — gritou ao recuperar o fôlego.

— Vamos lá, carcaça — retrucou Cleef. — Vamos lá, assombrações!

E o coro lamentoso ecoou pelas dunas frias e vazias.

Assim, Eastwood e Cleef saíram defronte do que restava do "Morricone's Drinks", abanaram a poeira do corpo e dirigiram-se para os seus cavalos.

Breve, uma procissão formou-se e, ainda sob o manto prateado do luar, embrenhou-se deserto adentro, em direção ao oeste e à outra cidade. Ao longe, assemelhar-se-ia a uma névoa esbranquiçada rente ao solo, com a diferença de que não obedecia à vontade do vento.

Os mortos que viviam em Leone, reanimados por uma nova "vida", partiram para a corrupta e depravada cidade dos vivos, cujos habitantes, em breve, prefeririam estar mortos.

As estrelas continuaram a cintilar frias e silenciosas no límpido firmamento. O frio resistiu o quanto pôde em meio ao cenário de desolação. Sim, certamente havia sido desse modo desde o princípio de tudo, quando a primeira semente de vida vingou sobre a Terra, mirou ao redor e foi dominado por um insistente sentimento de vazio e solidão. A Lua prosseguiu o seu trajeto e deitou-se por trás do horizonte. O vento aquietou entre as dunas. Pó e areia pousaram para desfrutar um momento de descanso. Ao surgir do novo alvorecer, do Sol e do calor de um novo dia, os lagartos comemoraram.

Finalmente, Leone era só deles.

(Ao som de *C'era una volta il west*², Ennio Morricone.)

² <https://www.youtube.com/watch?v=2s0-wbXC3pQ>

NOTA DO AUTOR:

Minha singela homenagem ao *Spaghetti Western*, ao diretor Sergio Leone, a atores como Clint Eastwood e Lee Van Cleef e ao incrível compositor, arranjador e maestro italiano Ennio Morricone. Eles mostraram aos norte-americanos como se faz filmes de banguê-bangue. Conto publicado originalmente na antologia "Cavalcada para o Inferno" (Dark Books, 2021), organizada por Caique Silva.

SOBRE ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasma de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de trezentas e oitenta e quatro antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



**Gente
que ama
livros de
terror.**

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Você escreve?

Descubra chamadas para
publicação e concursos
literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



AJUDE FRANKENSTEIN A CHEGAR AO CASTELO



Para imprimir





AMOR PELOS LIVROS

MÍDIA KIT 2025

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+796 MIL +260 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livreria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org
Aos cuidados de Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa Fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores. CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.09.2025



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 115 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd